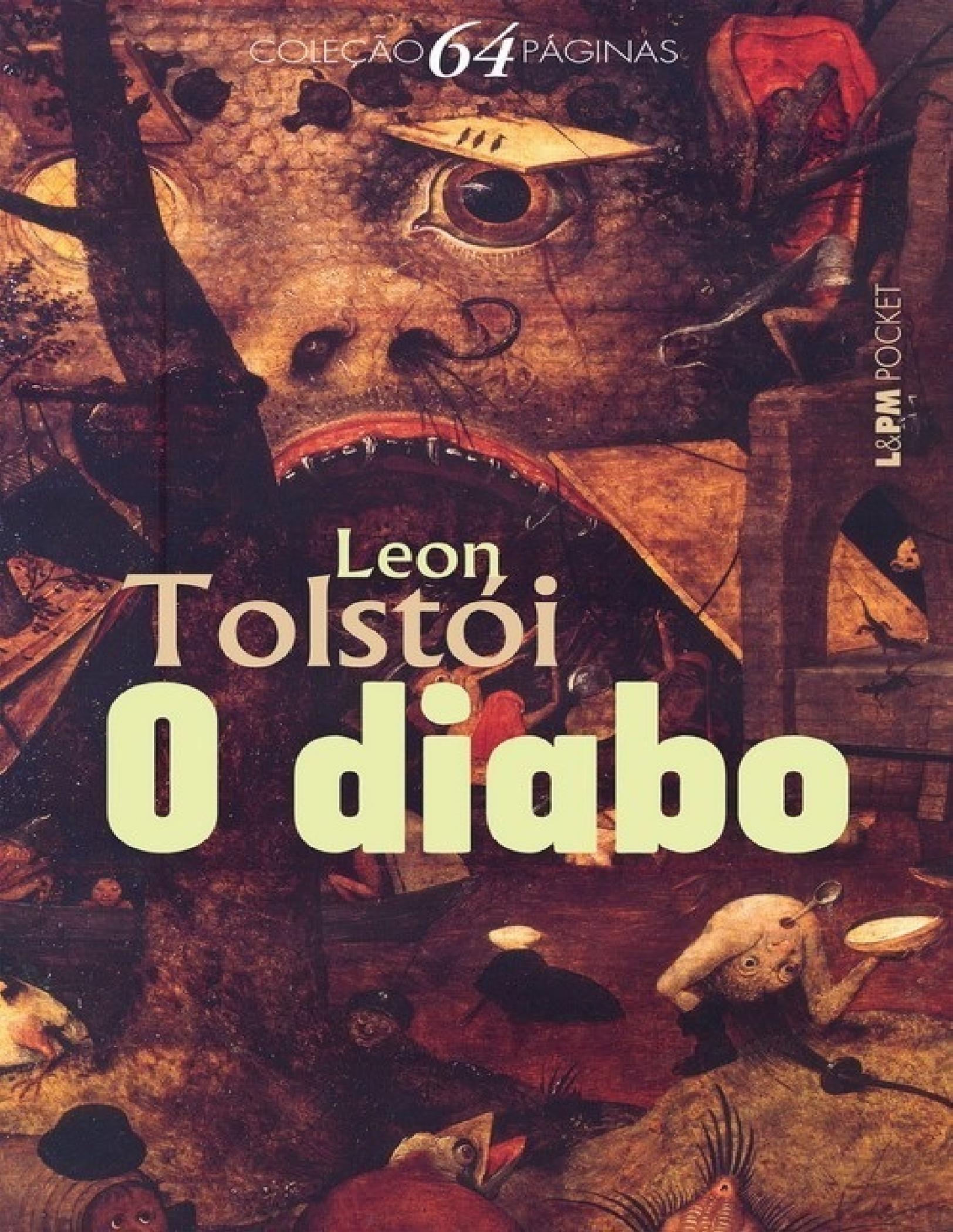


COLEÇÃO 64 PÁGINAS

L&PM POCKET

Leon
Tolstói
O diabo



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Leon Tolstói

O diabo

Traduzido do russo por
MARIA APARECIDA BOTELHO PEREIRA SOARES

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

O DIABO

Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher cobiçando-a já cometeu adultério com ela em seu coração.

E se teu olho direito te serve de escândalo, arranca-o e lança-o para longe de ti, porque é melhor para ti perderes um dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado no inferno.

E se a tua mão direita te serve de escândalo, corta-a e lança-a para longe de ti, porque é melhor para ti perderes um dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado no inferno.

Mateus, V, 28-30

Evguêni Ivânovitch Irtênev tinha uma brilhante carreira pela frente. Ele tinha tudo para isso: excelente educação em casa, conclusão brilhante do curso de direito na Universidade de São Petersburgo, amizades importantes que seu finado pai havia feito nas altas esferas da sociedade, tinha até arranjado um emprego num ministério, tendo como padrinho o próprio ministro. Possuía fortuna, grande até, mas incerta. O pai vivia no estrangeiro e em Petersburgo, e dava seis mil rublos anuais a cada um dos filhos: a Evguêni e ao mais velho, Andrei, que servia na Guarda de Cavalaria. O pai e a mãe sempre gastaram excessivamente. O pai ia para sua herdade somente no verão, passando lá dois meses, mas não se interessava pelos negócios e deixava tudo por conta de um ganancioso administrador, que tampouco administrava a propriedade, mas gozava da total confiança do patrão.

Após a morte do pai e ao fazer a partilha dos bens, os irmãos verificaram que havia tantas dívidas, que o encarregado do inventário até chegou a aconselhá-los a renunciar à propriedade e ficar apenas com a herdade da avó, que valia cem mil rublos. Mas um dos vizinhos, também proprietário, que tinha feito negócios com o pai deles, ou, melhor dizendo, possuía uma promissória dele e por esse motivo tinha ido a São Petersburgo, disse-lhes que, apesar das dívidas, era possível salvar a situação e manter uma fortuna considerável. Para isso bastava vender o bosque e algumas parcelas de terra improdutiva, ficando com o mais valioso – a aldeia de Semiônovskoie, com uns quatro mil hectares de terras negras, a usina de açúcar e uns duzentos hectares de prados irrigáveis. Era necessário também estabelecer-se na aldeia, dedicar-se à propriedade e administrá-la com economia e competência.

Então, na primavera (o pai havia morrido na Páscoa), Evguêni foi à herdade, examinou tudo, resolveu pedir demissão do emprego, mudar-se com a mãe para o campo e ficar lá cuidando dos negócios, a fim de salvar o que havia de mais valor. Ao irmão, de quem não era muito próximo, ele fez uma proposta: ou mandar-lhe quatro mil rublos por ano, ou dar-lhe de uma só vez oitenta mil rublos, e nesse último caso o irmão deveria renunciar à sua parte na herança.

Assim ele fez. Mudou-se com a mãe para a grande casa senhorial e começou a dedicar-se ao trabalho com entusiasmo, mas também com cautela.

As pessoas geralmente pensam que os velhos são mais conservadores e os jovens, inovadores; mas isso não é inteiramente verdade. Os conservadores são comumente os jovens, porque estes querem aproveitar a vida e não têm tempo de pensar em como devem viver, e, assim, tomam como exemplo a seguir o modo de vida antigo.

Evguêni não era exceção. Ao estabelecer-se na aldeia, seu sonho e seu ideal eram fazer renascer a forma de vida que existia não quando seu pai era vivo, pois seu pai fora um mau proprietário, mas sim quando seu avô era vivo. Agora, na casa, no jardim, na administração dos negócios, ele se esforçava para reconstituir aquilo que era característico do avô, adaptando-se, evidentemente, às mudanças de sua época: queria abundância de tudo e que todos em volta estivessem satisfeitos; queria também conforto e organização. Para alcançar isso, havia muito trabalho pela frente: era preciso atender às exigências dos credores e dos bancos e, para tanto, vender as terras e adiar os pagamentos. Precisava também conseguir empréstimos para tocar os negócios na fazenda, contratar empregados temporários e permanentes para realizar os trabalhos na imensa propriedade de quatro mil hectares de lavouras e na usina de açúcar; era preciso ainda cuidar da casa e do jardim, para que não houvesse a impressão de abandono e decadência.

Havia muito trabalho a fazer, mas Evguêni tinha energia de sobra, tanto física como mental. Ele tinha 26 anos, altura mediana, compleição forte, musculosa devido à ginástica; era do tipo sanguíneo, corado, de dentes claros e cabelos finos, macios e ondulados. Seu único defeito físico era a miopia, que

ele mesmo provocara usando óculos e agora não podia ficar sem seu pincenê, que já havia feito um sulco no alto do nariz. Assim era ele fisicamente. Quanto ao caráter, era o tipo de pessoa que quanto mais se conhece, mais se gosta. Sempre fora o preferido de sua mãe, e agora, depois da morte do pai, ela passou a concentrar nele toda a sua ternura e fez dele a sua razão de viver. Mas não era só a mãe que o amava tanto assim. Os colegas do ginásio e da universidade não só gostavam muito dele como lhe tinham muito respeito. Ele provocava reação semelhante também nos estranhos. Era impossível duvidar do que ele dizia, era impossível supor que alguém com um rosto e um olhar que transmitiam tanta sinceridade e honestidade pudesse enganar ou mentir.

Toda a sua personalidade ajudava-o muito nos negócios. O prestador que a um ou outro negasse crédito nele confiava. Um administrador, um chefe da aldeia ou um camponês capaz de agir mal ou enganar alguém se esquecia de fazer isso com ele, devido ao agradável relacionamento com uma pessoa tão simples, bondosa e, principalmente, aberta.

Era final de maio. Evguêni, com jeito, conseguira na cidade levantar a hipoteca sobre os terrenos improdutivos e em seguida vendeu-os a um comerciante. Depois, tomou empréstimo desse mesmo comerciante para renovar seu plantel de cavalos e bois, comprar carroças e, o mais importante, começar as obras necessárias na fazenda. As coisas iam bem. Trouxeram madeira, os marceneiros já estavam trabalhando, oitenta carroças transportavam esterco, mas até então tudo isso estava por um fio.

II

Quando todo esse trabalho já estava na metade, aconteceu um fato que, embora não fosse importante, preocupou Evguêni. Anteriormente, ele vivia como vivem todos os jovens solteiros saudáveis, ou seja, tinha relações com todo tipo de mulher. Não era depravado, mas também não era um monge, como ele mesmo costumava dizer. Mantinha essa prática, segundo suas palavras, apenas para garantir sua saúde física e independência mental. Ele o fazia desde os dezesseis anos e até então tudo tinha corrido bem, ou seja, não se entregara à depravação, não se apaixonara nem pegara nenhuma doença. Em São Petersburgo, inicialmente frequentou uma costureira, depois ela caiu na vida e ele deu outro jeito. Esse lado de sua existência estava bem resolvido e não lhe causava problemas.

Mas eis que já fazia dois meses que ele estava na aldeia e não sabia como proceder. A continência involuntária começava a ter nele reflexos negativos. Será que teria de ir à cidade por causa disso? E aonde? Como? Estava ficando preocupado e, como estava convencido de que se tratava de uma necessidade real, sentiu-se de fato impelido a resolver esse assunto. Sentia-se tolhido e sem querer começou a acompanhar com os olhos toda jovem que passasse na sua frente.

Mas não achava correto arranjar uma amante entre as mulheres ou moças do povo na sua própria aldeia. Sabia, de ouvir dizer, que seu pai e seu avô nunca se permitiram namoricos com servas em sua casa, ao contrário da maioria dos outros proprietários, e decidiu que ele também não faria isso. Mas depois, sentindo-se cada vez mais atado e imaginando coisas horríveis que poderiam acontecer com ele na cidadezinha próxima, e ainda levando em conta que a servidão já tinha sido abolida, decidiu que a solução poderia estar ali mesmo, na aldeia. Apenas ninguém deveria saber, e fazia aquilo não por libertinagem, dizia a si mesmo, mas apenas para manter sua saúde. Porém, ao tomar essa resolução, ficou ainda mais inquieto. Quando conversava com o chefe da aldeia, com algum camponês, com o marceneiro, sem querer puxava a conversa para as mulheres e, se a conversa já era sobre elas, procurava esticar o assunto o mais possível. E seu olhar demorava-se cada vez mais sobre as mulheres que passavam.

III

Mas tomar uma decisão era uma coisa, pô-la em prática era outra. Não poderia abordar ele mesmo uma mulher. E qual delas? Onde? Era necessário um intermediário. Mas quem?

Certa vez aconteceu-lhe de ir beber água na cabana do guarda florestal, que tinha sido caçador de seu pai. Evguêni ficou ali conversando com o guarda, que contou velhas histórias das farras durante as caçadas. Veio à sua cabeça que ali, no bosque ou na cabana do guarda, seria um bom lugar para resolver seu assunto. Não sabia ainda como nem se o velho Danila se prestaria a fazer isso. “Pode ser que ele fique horrorizado com a minha proposta e então ficarei desmoralizado, mas pode ser que simplesmente concorde”. Isso ele pensava enquanto ouvia as narrativas de Danila, que contava que eles ficavam num campo distante, na casa da esposa do diácono, e que ele uma vez trouxera uma mulher para Priánitchnikov.

“Posso falar com ele”, pensou Evguêni.

– Seu pai, que Deus o tenha, não participava dessas tolices – disse Danila.

“Não posso falar com ele”, pensou Evguêni; mas, para se certificar, disse:

– Mas como você se metia nessas coisas feias?

– O que há de mal nisso? A mulher ficava feliz, e o senhor Fiódor Zakhárytch ficava mais do que satisfeito. E me dava um rublo. Senão, como ele ia fazer? Era de carne e osso, como todo mundo.

“É, posso falar com ele”, pensou Evguêni, passando à ação.

– Sabe, Danila – ele sentiu que estava vermelho como um tomate –, sabe, eu estou passando por uma tortura.

Danila sorriu.

– Eu não sou um monge, já estava acostumado.

Ele percebia a tolice que estava dizendo, mas ficou feliz porque Danila o apoiou.

– Ora, o senhor devia ter dito antes... Tudo se resolve, é só o senhor dizer que tipo de mulher prefere.

– Ah, isso não importa. Claro, desde que não seja horrorosa e seja saudável.

– Entendi! – exclamou Danila e ficou pensativo por um instante. – Bem, tenho uma coisinha muito boa para o senhor – e novamente Evguêni enrubesceu. – Acho que o senhor deveria dar uma olhada, casaram-na no outono – Danila pôs-se a sussurrar –, mas o marido não consegue nada dela. É um pitéu para os bons apreciadores.

Evguêni fez uma careta, envergonhado.

– Não, não – disse –, não é disso que eu preciso. Ao contrário (o que poderia ser contrário?), ao contrário, eu só faço questão de que seja sadia e que não me traga problemas. Talvez uma mulher de soldado ou algo do gênero...[\[1\]](#)

– Estou entendendo. Pois então vou lhe apresentar a Stepanida. O marido vive na cidade, ela é como se fosse mulher de soldado. É bonita, limpa. O senhor vai gostar. Há pouco tempo, eu até falei com ela sobre isso e ela...

– Mas quando seria?

– Pode ser amanhã mesmo. Vou buscar tabaco e passo na casa dela. Venha amanhã na hora do almoço, aqui ou atrás da horta, perto da casa de banho. Não há ninguém. Na hora do almoço, todo mundo dorme.

– Está bem.

Evguêni voltou para casa preocupadíssimo: “Como será ela? Como será uma camponesa? E se de

repente ela for horrível, monstruosa? Não, não, elas são bonitas”, pensava, lembrando-se das que haviam chamado sua atenção. “Mas o que vou dizer, como vou agir?”

Ficou inquieto o dia inteiro. No dia seguinte, ao meio-dia, ele se dirigiu à cabana do guarda florestal. Danila estava parado à porta e fez um sinal com a cabeça na direção do bosque. Evguêni sentiu o coração bater mais forte e caminhou para a horta. Ninguém. Foi para a casa de banho. Ninguém. Deu uma olhada lá dentro, saiu e, de repente, ouviu o estalo de um galho quebrando-se. Buscou com o olhar e a viu de pé, perto das árvores, sobre um pequeno barranco. Precipitou-se para lá, descendo pela depressão, na qual havia urtigas que ele não notara. As urtigas queimaram-no, ele deixou cair o pincenê do nariz e subiu correndo pela escarpa do lado oposto. Com um avental branco bordado caindo sobre a saia rústica castanho-avermelhada, um lenço vermelho vivo na cabeça, descalça, jovem, forte, bonita, ela estava ali, de pé, e sorria timidamente.

– Aqui em volta há uma trilha, o senhor poderia ter rodeado – disse ela. – Nós chegamos já faz um tempão.

Ele se aproximou e, olhando em volta, tocou-a.

Após quinze minutos, eles se separaram, ele encontrou seu pincenê e foi para a cabana de Danila. Quando este perguntou se tinha ficado satisfeito, em lugar de responder Evguêni deu-lhe um rublo e foi para casa.

Ele estava satisfeito. Ficara encabulado somente no princípio, depois passou. E tudo tinha saído bem. O mais importante era que agora se sentia leve, calmo e bem-disposto. Quanto à moça, nem tinha reparado direito nela. Lembrava-se de que era asseada, jovem, bonita e simples, sem complicações. “De que família será ela?”, pensava. “Danila disse que o sobrenome dela é Pétchnikova. De qual Pétchnikov? Pois há duas famílias Pétchnikov[2]. Deve ser nora do velho Mikhail. Com toda a certeza. Ele tem um filho que mora em Moscou. Qualquer hora dessas eu pergunto ao Danila.”

A partir desse dia foi afastada aquela circunstância desagradável da sua vida na aldeia – a abstinência involuntária. Não havia mais obstáculos para que ele pudesse pensar livremente e ocupar-se dos seus trabalhos.

E a tarefa que se tinha proposto não era nada fácil. Às vezes ele achava que não daria conta e que no final teria de vender a propriedade, e que todo o trabalho teria sido em vão. Mas o que achava pior era que ficasse provado que ele não conseguira, que não tivera capacidade para completar o que havia iniciado. E tinha razão em se preocupar, pois, mal tapava um buraco, logo surgia outro.

Durante todo esse tempo continuavam a aparecer novas dívidas do seu pai, as quais ele desconhecia. Pelo visto, nos últimos tempos seu pai tomara dinheiro emprestado a torto e a direito. Em maio, durante a partilha, Evguêni achou que já sabia de tudo relacionado aos negócios do pai. No meio do verão, porém, recebeu inesperadamente uma carta do advogado comunicando-lhe que havia ainda uma dívida de doze mil rublos para com a viúva Iéssipova. Não havia promissórias, apenas um simples recibo que, nas palavras do advogado, seria possível contestar. Mas a cabeça de Evguêni não admitia deixar de pagar uma dívida do seu pai simplesmente porque era possível contestar um documento. Ele desejava apenas ter certeza de que aquela dívida existia mesmo.

– Mamãe, quem é uma tal de Kaléria Vladímirovna Iéssipova? – perguntou ele durante o almoço.

– Iéssipova? É uma protegida do seu avô. Por quê?

Evguêni contou à mãe sobre a carta.

– Admira-me a falta de vergonha dela. Seu pai lhe deu tanto dinheiro!

– Mas nós estamos devendo algo a ela?

– Bom, não sei como dizer. Dívida, propriamente, não, mas seu pai, com sua imensa bondade...

– É, mas papai considerava isso uma dívida.

– Não sei o que dizer. Não sei. Só sei que você já tem tantos problemas!

Evguêni percebeu que Mária Pávlovna não sabia mesmo de nada e que estava ela própria tentando extrair alguma coisa dele.

– Está me parecendo que devemos pagar – disse o filho. – Amanhã irei à casa dela e tentarei conseguir um adiamento.

– Ah, como tenho pena de você! Mas, sabe, assim é melhor. Diga-lhe que ela deve dar um prazo – disse a mãe, tranquilizada e orgulhosa com a decisão do filho.

A posição de Evguêni era ainda mais difícil, porque sua mãe, que morava com ele, não compreendia nem um pouco a situação que estavam vivendo. Toda a vida ela se acostumara a ter tudo, com fartura, e não podia nem mesmo imaginar o que o filho estava passando, e que, de um dia para o outro, se os negócios dessem errado, eles poderiam perder o que tinham e Evguêni teria de sustentá-la com um salário de no máximo uns dois mil rublos por ano. Ela não entendia que só poderiam escapar dessa situação cortando gastos em tudo, e achava estranho que Evguêni economizasse até em ninharias, nas despesas com jardineiros, cocheiros, criados e mesmo na comida. Além disso, como a maioria das viúvas, ela tinha um sentimento de veneração em relação à memória do falecido marido, muito diferente do que sentia por ele quando vivo, e não admitia a ideia de que algo que ele tivesse feito ou estabelecido pudesse ser mau ou devesse ser modificado.

Evguêni, com muito esforço, conservava o jardim e a estufa com o auxílio de dois jardineiros, e a estrebaria, também com dois cocheiros. Mas Mária Pávlovna ingenuamente pensava que já estava fazendo todo o sacrifício que uma mãe pode fazer para ajudar o filho ao não se queixar da comida, que era preparada por um velho cozinheiro, nem de que as estradinhas do parque não estavam sempre varridas, e de que, em vez de bons criados, ela tinha apenas um garoto. Assim, nessa nova dívida que surgira, que para Evguêni foi um golpe certo em todas as suas iniciativas, Mária Pávlovna viu apenas uma oportunidade para que seu filho demonstrasse sua nobreza. Havia ainda outra razão para que ela não se preocupasse muito com a situação material de Evguêni: estava convencida de que ele faria um ótimo casamento, que consertaria tudo. E de que não lhe faltariam partidos brilhantes. Ela conhecia uma dezena de famílias que ficariam felizes em casar suas filhas com ele. E seu desejo era arranjar isso o quanto antes.

IV

Evguêni também sonhava com o casamento, mas não da mesma forma que a mãe: repugnava-lhe a ideia de fazer do casamento um meio de consertar seus negócios, e queria casar-se honestamente, por amor. Examinava as moças com quem travava conhecimento, imaginava-se vivendo com elas, mas sua sorte não se decidia.

Entretanto, a despeito de qualquer expectativa, seu relacionamento com Stepanida prosseguia e até tomou um caráter estável. Evguêni era alheio à libertinagem, era-lhe difícil fazer as coisas secretamente, sentia que estava agindo mal, por isso não se sentiu à vontade e, logo depois do primeiro encontro, até mesmo esperou nunca mais ver Stepanida. Mas aconteceu que, passado algum tempo, começou novamente a sentir aquele desassossego, que atribuía à abstinência. E dessa vez o desassossego não era sem rosto: ele imaginava aqueles olhos negros brilhantes, aquela voz grave dizendo “um tempão”, aquele cheiro de algo fresco e forte, aqueles seios altos, que arfavam sob o avental, e tudo isso no bosque de aveleiras e bordos, em plena luz do dia. Apesar de muito envergonhado, recorreu novamente a Danila. E outra vez marcaram um encontro no bosque, ao meio-dia. Dessa vez Evguêni observou-a melhor e achou-a muito atraente. Tentou falar com ela, perguntou sobre seu marido. Tratava-se realmente do filho de Mikhail, e

trabalhava como cocheiro em Moscou.

– Mas, então, como você... – Evguêni queria perguntar como ela conseguia trair o marido.

– Como o quê? – perguntou ela, que, pelo visto, era inteligente e esperta.

– Bom, como você vem se encontrar comigo?

– Ora, essa é boa! – disse ela, alegremente. – Ele decerto se diverte por lá. Por que eu também não posso?

Via-se que ela se dava ares de desenvoltura e até de bravata, o que Evguêni achou encantador. Contudo, ele não marcou novo encontro. Mesmo quando ela sugeriu que dispensassem a intermediação de Danila, de quem não gostava muito, ele não concordou, esperando que aquele encontro fosse o último. Ela lhe agradava, e ele achava que aquele tipo de relacionamento, em que não via nada de ruim, era-lhe indispensável. Mas, lá no fundo, ele tinha um juiz mais severo, que não apoiava esse comportamento e esperava que fosse a última vez. Ou, se não esperava, pelo menos não queria participar desse assunto nem preparar com antecedência a sua repetição.

Assim ia passando o verão, durante o qual ele a viu umas dez vezes, sempre por intermédio de Danila. Houve uma vez em que ela não pôde encontrar-se com ele porque o marido havia chegado, e Danila sugeriu outra pessoa, mas Evguêni recusou, indignado. Quando o marido foi embora, os encontros continuaram, a princípio através de Danila; mas depois este passou a marcar a hora e ela vinha com sua amiga Prókhorova, porque as mulheres não podiam andar sozinhas. Certa vez, Mária Pávlovna recebeu a visita de uma família que trazia a filha, com a qual ela estava planejando casar Evguêni. As visitas chegaram exatamente na hora em que estava marcado um encontro com Stepanida, e ele não pôde sair. Assim que conseguiu desvencilhar-se, fez parecer que estava indo para a eira coberta e dirigiu-se pela trilha ao ponto do encontro, no bosque. Mas, no lugar habitual, o que encontrou foi uma porção de galhos de cerejeiras e aveleiras quebrados; havia até um bordo jovem derrubado. Fora ela que, cansada de esperar, havia ficado ansiosa e com raiva e, por diversão, deixou-lhe aquela lembrança. Ele ficou lá muito tempo, depois foi procurar Danila, para pedir-lhe que a chamasse para o dia seguinte. Ela veio e se portou como sempre fizera.

E assim o verão ia terminando. Os encontros eram sempre no bosque; somente uma vez, já perto do outono, encontraram-se nos fundos da casa dela, no galpão do celeiro. Na cabeça de Evguêni não passava a ideia de que aquele relacionamento pudesse ter alguma importância, pois nem ao menos pensava nela, apenas dava-lhe dinheiro e nada mais. Ele não sabia nem fazia ideia de que toda a aldeia já sabia do caso, que tinham inveja dela, que os parentes tomavam seu dinheiro e a incentivavam, e que a ideia que ela tinha de pecado, pela influência do dinheiro e dos familiares, se dissolvera completamente. Ela pensava que, se tinham inveja, era porque o que estava fazendo era bom.

“É somente para a saúde e é necessário”, pensava Evguêni. “Vá lá que não seja uma coisa boa e que, embora ninguém diga, todos ou boa parte sabem. A mulher que vem com ela sabe. E, se sabe, com certeza contou para outros. Que posso fazer? Estou agindo de maneira infame, mas que posso fazer? E, depois, não vai ser por muito tempo.”

O que mais causava constrangimento a Evguêni era o marido. Sem saber por que, no princípio ele imaginava que o marido dela deveria ser um traste, o que em parte justificaria manter um caso com ela. Mas, certa vez, ele o avistou na aldeia e ficou perplexo. Era um rapagão alinhado, nem um pouco pior que ele, talvez até melhor. Assim que se encontrou com ela, contou-lhe que havia visto o marido e ficara admirado de que ele fosse um rapagão tão bem-apeado.

– Não há outro igual na aldeia – disse ela, orgulhosa.

Evguêni ficou pasmo, e a lembrança do marido passou a torturá-lo ainda mais. Um dia, ele estava conversando com Danila e este lhe disse sem rodeios:

– Há pouco tempo Mikhail me perguntou se a mulher do filho dele está saindo com o senhor. Eu disse que não sabia e disse ainda que era melhor que fosse com o senhor do que com um camponês.

– E o que ele disse?

– Ele disse que ela que espere, que vai procurar saber e vai dar uma surra nela.

“Bom, se o marido voltar, eu a deixo”, pensou Evguêni. Mas o marido permanecia na cidade, e sua relação com ela por enquanto continuava. “Quando for necessário, termino tudo e não restará nada”, pensava.

Quanto a isso ele não tinha dúvida, porque no verão uma série de atividades deixava-o ocupado todo o tempo: a organização da nova fazenda, a colheita, as construções e, acima de tudo, os pagamentos das dívidas e a venda das terras improdutivas. Essas atividades absorviam-no por completo, ele pensava nisso noite e dia. Essa era a sua verdadeira vida. Os encontros com Stepanida – ele nem chamava isso de relacionamento – eram algo sem nenhuma importância. É verdade que às vezes o desejo de vê-la surgia com tal força que ele não conseguia pensar em mais nada, mas isso não durava muito. Marcava-se um encontro, e ele a esquecia novamente por uma semana ou até por um mês.

No outono, Evguêni passou a ir com frequência à cidade e fez amizade com a família Ánnenski. Eles tinham uma filha que terminara o colégio recentemente. E então, para grande desgosto de Mária Pávlovna, Evguêni, como dizia sua mãe, não soube se valorizar: apaixonou-se por Liza Ánnenskaia e a pediu em casamento.

A partir daí cessaram suas relações com Stepanida.

V

Não existem explicações para Evguêni ter escolhido Liza Ánnenskaia, assim como é impossível explicar por que um homem escolhe uma determinada mulher, e não outra. Havia montes de razões, tanto positivas como negativas. Uma delas era que a moça não era muito rica, como as que sua mãe tentava arranjar para ele. Outra razão é que ela era ingênua e infeliz no relacionamento com a própria mãe e, ainda, embora não fosse feia, não era nenhuma beldade capaz de atrair as atenções. Mas o determinante mesmo foi que Evguêni a conheceu numa ocasião em que já estava maduro para o casamento. Ele se apaixonou porque tinha consciência de que iria se casar.

Ao se conhecerem, Liza caiu-lhe no agrado, apenas isso. Mas, quando tomou a decisão de casar-se com ela, o sentimento se tornou mais forte e ele sentiu que estava apaixonado.

Liza era alta e esbelta. Tudo nela era comprido: o rosto, o nariz, embora não fosse pontudo, os dedos das mãos e os pés. A cor de sua pele era clara e delicada, com uma tonalidade amarelada e levemente corada; os cabelos compridos, de um louro escuro, eram macios e ondulados. Ele ficou particularmente impressionado com seus olhos e, quando pensava nela, via diante de si aqueles olhos maravilhosos, claros, doces, confiantes.

Assim era Liza fisicamente. Quanto ao seu espírito, ele nada sabia. Somente via os seus olhos, e eles, na sua opinião, diziam-lhe tudo que precisava saber. Mas havia outro significado naqueles olhos.

Desde os quinze anos, ainda no colégio, Liza se enamorava de todos os homens bonitos que conhecia e só ficava animada quando estava apaixonada. Terminado o colégio, ela continuou a cair de amores por todos os rapazes que encontrava e, naturalmente, apaixonou-se por Evguêni assim que o viu. A paixão é que dava aos seus olhos aquela expressão que tanto cativou Evguêni.

Naquele mesmo inverno, já estivera apaixonada por dois rapazes ao mesmo tempo. Ficava agitada e vermelha não somente quando eles entravam na sala, mas também à simples menção de seus nomes. Mas depois, quando sua mãe insinuou que Evguêni Irtênev parecia ter intenções sérias, sua paixão por ele

cresceu tanto que ela ficou quase indiferente aos dois anteriores. Quando Evguêni passou a frequentar sua casa, a ir com ela a bailes e reuniões, a dançar com ela mais do que com outras e a dar mostras de que desejava saber apenas se ela o amava, sua paixão por ele tornou-se quase doentia. Ela começou a sonhar com ele, dormindo ou acordada no seu quarto escuro, e todos os outros rapazes deixaram de existir para ela. Depois que ele pediu a sua mão e lhes deram a bênção e, já noivos, eles se beijaram, ela não pensou em mais nada além dele. Tudo o que desejava era estar com ele, amá-lo e ser amada por ele. Orgulhava-se dele e se derretia na sua presença; enternecia-se consigo mesma e com seu amor, a ponto de tornar-se lânguida. Ele, por seu lado, quanto mais a conhecia, mais a amava. Ele nunca havia esperado encontrar um amor como aquele e ficava cada vez mais apaixonado.

VI

Pouco antes da primavera, Evguêni voltou a Semiônovskoie para ver como iam as coisas e dar algumas ordens. Principalmente, queria ver como andavam os preparativos para o casamento.

Mária Pávlovna estava descontente com a escolha do filho, não só porque ele não arranjava um partido brilhante, como merecia, mas também porque não gostara de sua futura sogra, Varvara Aleksêievna. Ela ainda não sabia se acaso se tratava de uma pessoa boa ou má, não tinha ainda uma opinião formada, mas, desde o primeiro encontro, percebeu que a mãe de Liza não tinha classe, não era uma pessoa *comme il faut*, uma *lady*, como costumava dizer, e isso a aborrecia muito. Por formação, Mária Pávlovna dava muito valor à boa educação e sabia que Evguêni era também muito sensível a essas coisas, e previu que ele acabaria tendo aborrecimentos. Entretanto, gostara da moça, acima de tudo porque ela agradara ao filho. Era preciso amá-la, e Mária Pávlovna estava disposta a isso, de todo o coração.

Evguêni encontrou a mãe alegre e satisfeita. Ela estava cuidando da arrumação da casa e tinha decidido ir embora quando a jovem esposa chegasse. Mas Evguêni tentava persuadi-la a ficar, questão que ainda não fora resolvida. De noite, após o chá, como de hábito ela jogava paciência e ele a estava ajudando, sentado ao seu lado. Era nesses momentos que eles tinham as conversas mais sinceras. Mária Pávlovna terminou um jogo e, antes de começar outro, olhou para Evguêni e, hesitando um pouco, disse:

– Eu queria lhe dizer uma coisa, Gênia[3]. É claro que eu não sei de nada, mas queria lhe dar um conselho. Antes de se casar, você deveria terminar definitivamente todos os seus casos de solteiro, para que nada venha depois preocupar a você nem, que Deus o livre, à sua esposa. Está me entendendo?

De fato, Evguêni compreendeu no mesmo instante que Mária Pávlovna tinha em mente sua relação com Stepanida, que já estava terminada desde o outono, e, como sempre fazem as mulheres solitárias, ela atribuía àquelas relações importância maior do que realmente tinham. Evguêni enrubescou, não tanto de vergonha, como principalmente de aborrecimento, porque a bondosa Mária Pávlovna – por amor, é verdade – estava se metendo onde não devia, em assuntos que não compreendia nem podia compreender. Disse-lhe então que não tinha nada a esconder e que sempre se portara de modo a não ter nada que prejudicasse seu matrimônio.

– Está muito bem, querido. Não fique ofendido com o que eu disse – falou a mãe, confusa.

Mas Evguêni percebeu que ela ainda não tinha terminado e que não dissera tudo o que queria. Passados alguns instantes, ela começou a contar que, enquanto ele estivera ausente, pediram-lhe para ser madrinha de uma criança na casa dos... Ptchélnikov.

Dessa vez Evguêni ficou vermelho, já não de aborrecimento nem mesmo de vergonha, mas de um estranho pressentimento da importância do que iria ser dito, de uma tomada de consciência involuntária que não combinava com suas racionalizações. E, de fato, o que veio a seguir foi o que ele esperava:

Mária Pávlovna, fingindo estar interessada apenas em conversar, contou que naquele ano estavam nascendo somente meninos; pelo visto, para irem para a guerra. Foi assim na casa dos Vássin e na dos Ptchélnikov, onde uma jovem teve seu primeiro filho, também menino. A velha senhora pretendia apenas tocar de leve nesses assuntos, mas ela mesma ficou envergonhada quando viu o rubor no rosto do filho e como ele tirava e recolocava o pincenê, fumando nervosamente um cigarro. Ela se calou. Ele também permaneceu calado, sem conseguir pensar em algo para interromper aquele silêncio. Ficou claro para ambos que estavam se compreendendo muito bem.

– Na aldeia deve haver justiça, para que não haja favoritos, como no caso do seu tio.

– Mãezinha – disse Evguêni de repente –, eu sei por que a senhora está dizendo isso. Está se preocupando à toa. Para mim, minha futura vida conjugal é tão sagrada que não a destruiria de maneira nenhuma. E da minha vida de solteiro tudo está definitivamente terminado. Nunca tive compromisso com ninguém, e ninguém tem direito algum em relação a mim.

– Então fico feliz – disse a mãe. – Eu conheço suas ideias nobres.

Evguêni interpretou essas palavras de sua mãe como merecido tributo a ele e ficou calado.

No dia seguinte, ele foi à cidade, pensando na noiva e em tudo o mais no mundo, menos em Stepanida. Mas, como se de propósito para fazê-lo lembrar-se dela, começou a encontrar pessoas conhecidas da aldeia, que vinham da igreja a pé ou de carroça. Ele cruzou com o velho Matvei, que ia ao lado de Semion, com alguns garotos e mocinhas e, depois, com duas mulheres, uma mais velha e outra em roupa de festa, com um lenço vermelho vivo na cabeça, que lhe pareceu familiar. Essa última caminhava animadamente, com agilidade, e levava um bebê nos braços. Quando se encontraram, a mais velha parou e curvou-se profundamente, à moda antiga, mas a jovem com o bebê apenas fez um aceno de cabeça, e debaixo do lenço brilharam uns olhos alegres, que ele conhecia bem.

“É ela, mas está tudo acabado e não há por que ficar olhando. E essa criança pode ser minha”, passou-lhe de relance pela mente. “Não, que absurdo. Ela tem marido, eles se davam bem.” Ele nem se deu ao trabalho de fazer contas. Para ele estava decidido que o que tinha havido era necessário para sua saúde, que ela recebera dinheiro e isso foi tudo. Não existiu qualquer ligação entre os dois, e não poderia nem deveria existir. Não que ele estivesse sufocando a voz de sua consciência – sua consciência não lhe dizia absolutamente nada. E ele não se lembrou dela nem mais uma vez depois da conversa com a mãe e do encontro na cidade. Tampouco a encontrou outras vezes depois disso.

No início da primavera, logo depois da Páscoa, Evguêni casou-se na cidade e foi imediatamente para a aldeia com a jovem esposa. A casa estava preparada para os recém-casados, segundo os costumes. Mária Pávlovna queria partir, mas Evguêni e principalmente Liza convenceram-na a ficar. Ela ficou, mas transferiu-se para uma ala anexa.

E assim teve início uma nova vida para Evguêni.

VII

O primeiro ano de casado foi difícil para Evguêni, pois os negócios que vinha adiando durante o noivado de repente desabaram todos juntos sobre ele, depois do casamento.

Era impossível desvencilhar-se das dívidas. A casa de veraneio foi vendida, as dívidas mais urgentes foram pagas, mas ainda restavam algumas e não havia dinheiro. A fazenda dera um bom lucro, mas era necessário mandar a parcela do irmão e economizar para o casamento, de modo que não sobrou capital para tocar a usina de açúcar, que ficou parada. Uma maneira de sair daquela situação seria usar o dinheiro da esposa. Liza, que compreendeu a situação do marido, tomou a iniciativa de exigir que ele fizesse isso. Evguêni concordou, desde que se assinasse um contrato de venda de metade da propriedade,

tendo a esposa como beneficiária. E assim foi feito, não tanto pela esposa, que se sentia ofendida com isso, mas pela sogra.

Esses assuntos, com suas constantes reviravoltas – ora sucesso, ora fracasso –, eram uma das coisas que estragavam a vida de Evguêni no primeiro ano de casado. Outra coisa era a falta de saúde de sua esposa. Sete meses após o casamento, no outono, aconteceu-lhe uma desgraça. Ela saíra de charabã[4] para encontrar-se com o marido, que voltava da cidade, e o cavalo, normalmente manso, empinou-se e ela, assustada, saltou para fora do veículo. O pulo foi até certo ponto feliz – ela poderia ter prendido o pé na roda, o que não aconteceu –, mas estava grávida e, naquela mesma noite, começou a sentir dores e acabou sofrendo um aborto. Depois disso, levou muito tempo para se restabelecer. A perda do filho esperado, a doença da mulher, as consequências de tudo isso na vida do casal e, principalmente, a presença da sogra, que veio assim que Liza adoecera – tudo isso tornou aquele ano ainda mais difícil para Evguêni.

Apesar de todas essas circunstâncias difíceis, ao final do primeiro ano Evguêni sentia-se muito bem. Primeiro, porque a ideia que lhe era mais cara ao coração estava se concretizando, embora devagar e com muito trabalho: a reconstituição de sua fortuna e da vida na sua propriedade tal como ela tinha sido nos tempos do avô, porém modernizada. Agora já não tinha mais sentido falar em vender toda a propriedade para pagar as dívidas. A fazenda principal, embora estivesse no nome da esposa, estava salva, e, se houvesse uma boa colheita de beterraba e os preços fossem bons, no ano seguinte aquela situação de economia e tensão iria dar lugar a uma completa satisfação.

Em segundo lugar, havia uma coisa que ele encontrou em Liza e que nunca pensara em encontrar, embora esperasse o melhor de sua esposa. Cenas de amor, arroubos apaixonados não havia, ou eram muito mornos, apesar de ele tentar promovê-los. Mas surgira outra coisa, alegre e agradável, que tornava a vida mais leve. Ele não sabia a origem dessa coisa, mas ela acontecia.

O fato era que, logo após o casamento, Liza decidira que Evguêni Irtênev estava acima de todas as pessoas no mundo, que ele era mais inteligente, mais puro, mais nobre do que qualquer um; por isso, era obrigação de todos servi-lo e tornar sua vida mais agradável. Mas, como não era possível obrigar todo mundo a tanto, pelo menos ela deveria fazê-lo, na medida do possível. E assim ela procedia, de modo que todas as suas energias foram direcionadas para descobrir, adivinhar os gostos dele e executá-los, quaisquer que fossem e por mais que isso custasse.

Ela possuía aquilo que constitui o principal encanto na convivência com uma mulher apaixonada: graças ao amor pelo marido, tinha perspicácia para entender sua alma. Pressentia – frequentemente melhor do que ele próprio, achava Evguêni – todos os estados de sua alma, qualquer nuance de seus sentimentos, e agia de acordo com isso, nunca ferindo sua sensibilidade. Ela procurava atenuar os sentimentos dolorosos e reforçar os agradáveis. E entendia não apenas seus sentimentos, mas também suas ideias. Imediatamente compreendia qualquer assunto de que ele tratava, por mais desconhecido que lhe fosse, seja ligado à agricultura, à usina, à avaliação do pessoal. E não era somente uma boa interlocutora. Muitas vezes, como ele mesmo dizia, era uma conselheira útil e insubstituível. Ela via as coisas, pessoas e tudo no mundo pelos olhos dele. Apesar de amar a mãe, ao ver que Evguêni não gostava de que a sogra se intrometesse na vida deles, tomou tão resolutamente o partido do marido que ele teve de contê-la.

Além de tudo isso, nela havia uma grande dose de bom gosto, tato e, principalmente, silêncio. Fazia tudo sem que se percebesse, mas os resultados eram perceptíveis, ou seja, a limpeza, a ordem e o capricho estavam em toda parte. Liza compreendeu logo qual era o ideal de vida do marido e procurava satisfazê-lo; e conseguia com a arrumação da casa aquilo que ele desejava. Só faltava um filho, mas para isso havia esperança. No inverno eles foram a São Petersburgo e consultaram um obstetra, que lhes

assegurou que ela estava completamente bem de saúde e que poderia ter filhos.

E esse desejo se realizou. No final do ano ela engravidou novamente.

A única coisa que poderia ameaçar a felicidade deles, embora não chegasse a envenenar sua relação, era o ciúme dela, ciúme que ela não demonstrava, procurava refrear, mas que a fazia sofrer. Evguêni não só não podia gostar de ninguém, porque não havia no mundo mulheres dignas dele (se ela era digna dele ou não, ela nunca havia se perguntado), como também nenhuma mulher poderia ousar amá-lo.

VIII

A vida deles transcorria da seguinte maneira: ele se levantava sempre cedo e ia administrar a fazenda, ia à usina e às vezes ia ao campo. Às dez horas, voltava para o café. Tomava café na varanda, na companhia de Mária Pávlovna, de um tio que estava hospedado com eles e de Liza. Depois das conversas, que costumavam ser muito animadas, separavam-se até a hora do almoço. Almoçavam às duas horas. Depois do almoço, passeavam a pé ou davam uma volta de carruagem. À noite, mais tarde, quando ele chegava do escritório, tomavam chá. Às vezes ele lia em voz alta e ela fazia algum trabalho manual, ou promoviam uma sessão de música, ou, se tinham visitas, conversavam. Quando ele viajava a negócios, correspondiam-se diariamente. Às vezes ela o acompanhava nas viagens, e essas ocasiões eram muito alegres. Nos aniversários de ambos, reuniam-se convidados, e ele ficava muito satisfeito de ver como ela sabia organizar tudo de modo que todos se sentissem bem. Percebia que as pessoas a admiravam, ouvia comentários de que ela era uma dona de casa jovem e encantadora, e passou a amá-la ainda mais. Tudo ia às mil maravilhas. Ela estava suportando bem a gravidez, e os dois começaram timidamente a pensar em como iriam educar a criança. A maneira de educar, os métodos, tudo isso era decidido por Evguêni; ela apenas desejava cumprir docilmente sua vontade. Ele, por sua vez, passou a ler um monte de livros de medicina e tinha intenção de educar a criança seguindo à risca os preceitos da ciência. Ela, evidentemente, concordava com tudo e se preparava, costurando cobertas para o frio e para o calor e arrumando o berço. E assim chegaram o segundo ano de sua vida de casados e sua segunda primavera.

IX

Às vésperas do dia da Santíssima Trindade, Liza, que estava no quinto mês de gravidez, estava alegre e ativa, embora se cuidasse muito. As duas mães, a dela e a dele, estavam morando com eles sob o pretexto de que precisavam vigiá-la e protegê-la, mas apenas conseguiam deixá-la nervosa com seus bate-bocas. Evguêni estava muito envolvido com o trabalho na fazenda, especialmente com um novo método de cultivo de beterraba em grande escala.

Na véspera do dia santo, Liza decidiu que era necessário fazer uma boa faxina na casa, que não se fazia desde a Páscoa, e, para ajudar seus empregados, chamou duas diaristas que deveriam lavar os assoalhos, as janelas, tirar o pó dos móveis e dos tapetes e colocar forros nas cadeiras. As duas mulheres chegaram de manhã cedo, puseram os baldes de água para esquentar e começaram a trabalhar. Uma delas era Stepanida, que tinha desmamado recentemente seu menino e pedira a um empregado do escritório, com o qual ela estava saindo, que lhe conseguisse trabalho como limpadora de chão. Tinha vontade de ver de perto a nova senhora. Levava a mesma vida de antes, sem o marido, e divertia-se, como fizera com o velho Danila, que a pegara roubando lenha, depois com o dono da terra e agora com o jovem empregado do escritório. Já não pensava mais no patrão. “Ele agora tem uma esposa. Mas eu tinha vontade de ver como é a senhora, como ela cuida da casa; dizem que é muito bem-arrumada”, pensou.

Desde que a encontrara com a criança nos braços, Evguêni não a tinha visto mais. Ela não costumava trabalhar como diarista por causa do bebê, e ele passava raramente pela aldeia. Naquela manhã, na véspera do dia da Santíssima Trindade, Evguêni levantou-se cedo, às cinco horas, e foi para o campo, onde estava programada a aplicação de fosforita. Saiu de casa antes de as mulheres entrarem, pois ainda estavam ocupadas com as panelas no fogão.

Mais tarde, alegre, satisfeito e faminto, ele voltou à casa para o café da manhã. Apeou do cavalo junto ao portão, entregou-o ao jardineiro que passava e encaminhou-se para casa, chicoteando o mato crescido e repetindo em voz alta uma frase, como frequentemente acontecia. A frase era: “As fosforitas justificarão”. Justificarão o que e a quem, isso ele não sabia nem imaginava.

No gramado em frente à casa, estavam sacudindo os tapetes, e os móveis tinham sido colocados do lado de fora.

“Minha nossa! Que faxina Liza está fazendo! As fosforitas justificarão. Isso é que é dona de casa! Ah, patroazinha! É minha patroazinha”, pensava ele, imaginando-a nitidamente na sua longa bata branca e com o rosto radiante de alegria, como quase sempre estava quando ele olhava para ela. “Hum, preciso trocar de botas, senão as fosforitas justificarão, ou melhor, elas estão cheirando a esterco, e a patroazinha está em estado interessante. Por que ela está nesse estado? Porque dentro dela está crescendo um novo e pequeno Irtênev. É, as fosforitas justificarão.” E, sorrindo aos próprios pensamentos, estendeu a mão para empurrar a porta do seu quarto.

Mas não chegou a tocar na porta, pois ela mesma se abriu e ele deu de cara com uma mulher que vinha em sentido contrário, com um balde na mão, descalça e com as mangas e a barra da saia arregaçadas. Ele chegou para um lado, para lhe dar passagem, e ela fez o mesmo, ajeitando com as costas da mão molhada o lenço que despencara da cabeça.

– Passe, passe, não posso passar se a senhora... – começou ele, mas, reconhecendo-a, parou de repente.

Com os olhos sorridentes, ela olhou alegremente para ele. E saiu pela porta, puxando para baixo sua saia.

“Que absurdo é esse?... Que aconteceu?... Não pode ser”, pensava Evguêni, franzindo a testa e sacudindo-se como se estivesse enxotando moscas. Ele não estava gostando de encontrá-la, mas, ao mesmo tempo, não conseguia desgrudar os olhos do seu corpo, do seu caminhado ágil e forte, dos pés descalços, das suas mãos e ombros, do belo franzido da blusa e da saia vermelha, da barra arregaçada deixando à mostra a alvura das panturrilhas.

“Mas o que estou olhando?”, pensou ele, baixando os olhos para não vê-la. “De qualquer maneira, preciso entrar para apanhar outras botas.” E deu meia-volta para entrar no quarto, mas, nem bem deu cinco passos, sem saber como e por ordem de quem virou-se novamente para olhá-la. Ela estava quase desaparecendo atrás de um ângulo da casa, mas naquele mesmo instante também se virou para vê-lo.

“Ah, que estou fazendo”, pensou aflito. “O que ela vai pensar? Aliás, já deve ter pensado.”

Evguêni entrou no seu quarto molhado. Outra mulher, mais velha e magra, ainda estava lá esfregando o chão. Ele caminhou na ponta dos pés pelas poças de água suja, foi até o armário onde estavam as botas e quis sair, mas a mulher também saiu.

“Esta saiu, agora vai vir a outra, Stepanida – e sozinha”, pensou alguém dentro dele.

“Meu Deus! O que estou pensando, que estou fazendo!” Agarrou as botas e correu para o vestíbulo, calçou-as, escovou a poeira da roupa e foi até a varanda, onde as duas mães já estavam sentadas tomando café. Pelo visto, Liza estava à espera dele e entrou na varanda ao mesmo tempo, por outra porta.

“Meu Deus, se ela soubesse! Ela, que me acha tão honesto, puro, inocente!”, pensou ele.

Liza veio ao seu encontro com o rosto radiante, como sempre. Mas naquele dia ele a achou

particularmente pálida, amarelada, débil e comprida.

X

Naquele dia, durante o café, transcorria aquele tipo muito frequente de conversa feminina em que não há ligações lógicas, mas que, ao que parece, encadeia-se de alguma forma, pois prosseguia sem interrupções. As duas senhoras espicaçavam-se mutuamente, e Liza bordejava entre ambas com maestria.

– Estou tão aborrecida por não terem conseguido terminar de limpar seu quarto antes que você chegasse – disse ela ao marido. – Mas é que eu queria tanto fazer uma arrumação geral.

– E você, dormiu depois que eu saí?

– Dormi, estou bem.

– Como uma mulher na situação dela pode estar bem neste calor insuportável, com o sol batendo em todas as janelas! – disse Varvara Aleksêievna. – E sem venezianas ou toldos. Na minha casa sempre tivemos toldos.

– Mas aqui faz sombra depois das dez horas – disse Mária Pávlovna.

– Por isso se tem febre. Por causa da umidade – disse Varvara Aleksêievna, sem notar que estava contradizendo o que acabara de falar. – Meu médico sempre dizia que não é possível determinar uma doença sem se conhecer o caráter do doente. E ele deve saber o que diz, pois é um doutor de primeira e cobra cem rublos por consulta. Meu finado marido não confiava em médicos, mas, se era para mim, nunca tinha pena de gastar.

– E como um homem pode ter pena de gastar com a mulher, se a vida dela e da criança pode depender...

– É, quando há recursos, a esposa pode não depender do marido. A boa esposa obedece ao marido – disse Varvara Aleksêievna –, mas Liza ainda está muito fraca depois de sua doença.

– Mas que nada, mamãe. Estou me sentindo muito bem. Mas por que não serviram à senhora creme de leite cozido?

– Não é preciso, eu como cru mesmo.

– Eu perguntei a Varvara Aleksêievna, mas ela recusou – disse Mária Pávlovna, como que se justificando.

– Não, não, agora eu não quero mesmo – e, como se quisesse encerrar uma conversa desagradável cedendo magnanimamente, Varvara Aleksêievna dirigiu-se a Evguêni:

– Então, aplicaram a fosforita?

Liza correu para buscar o creme cozido.

– Liza! Liza! Mais devagar – disse Mária Pávlovna. – Esses movimentos bruscos não são bons para ela.

– Nada faz mal, se existe paz de espírito – disse Varvara Aleksêievna, como se estivesse insinuando alguma coisa, embora ela mesma soubesse que suas palavras não poderiam se referir a nada.

Liza voltou com o creme. Evguêni tomava seu café e escutava com a cara amarrada. Estava acostumado a conversas como aquela, mas, naquele dia especialmente, irritava-o a sua falta de sentido. Ele queria meditar sobre o que lhe acontecera e o falatório atrapalhava. Terminando seu café, Varvara Aleksêievna, aborrecida, saiu da varanda. Ficaram apenas Liza, Evguêni e Mária Pávlovna, que continuaram conversando de maneira simples e agradável. Mas Liza, cujo amor tornava-a sensível, notou logo que algo preocupava seu marido e perguntou-lhe se tivera alguma contrariedade. Ele não estava preparado para essa pergunta e, hesitando um pouco, respondeu que não acontecera nada. Essa resposta deixou Liza mais desconfiada ainda. Que algo o estava torturando, e muito, era tão evidente para ela

como uma mosca no leite, mas ele não queria dizer o que era.

XI

Depois do café, cada um foi para o seu lado. Evguêni, seguindo uma regra que ele mesmo criara, foi para o seu escritório. Não pegou nada para ler nem para escrever, simplesmente sentou-se, ficou fumando um cigarro atrás do outro e pensando. Estava terrivelmente surpreso e aborrecido pelo inesperado surgimento daquele sentimento sórdido, do qual se considerava livre desde que se casara. Desde então, nem uma vez ele tivera tal sentimento, nem com relação àquela mulher, nem a qualquer outra, exceto sua esposa. Muitas vezes ele intimamente se alegrou por sua libertação e, de repente, aquela casualidade aparentemente insignificante o fez ver que não estava livre. O que o torturava agora não era o fato de estar novamente prisioneiro daquele desejo – nisso não queria nem pensar –, e sim que o sentimento estava vivo nele e era preciso estar alerta. No seu íntimo, não tinha nenhuma dúvida de que o sufocaria.

Ele tinha uma carta para responder e um papel para preencher. Sentou-se à mesa e pôs-se a trabalhar. Ao terminar, já esquecido do que o preocupara, saiu para ir à estrebaria. E novamente, para sua desgraça, por um acaso infeliz ou de propósito, assim que ele saiu pela porta da frente, de trás de um canto da casa surgiram a saia e o lenço vermelhos, e ela passou junto dele requebrando e balançando os braços. E não apenas passou, ela correu, desviando-se dele como se estivesse brincando, e alcançou sua companheira.

De novo o claro sol do meio-dia, as urtigas, os fundos da cabana de Danila, o rosto sorridente dela à sombra dos bordos, seu jeito de morder as folhas – tudo isso voltou à sua memória.

“Não, isso não pode ficar assim”, disse para si mesmo e, dando um tempo para que as mulheres sumissem de sua visão, foi para o escritório da fazenda. Era hora do almoço, e ele tinha esperança de encontrar o administrador. Dito e feito. O administrador acabara de acordar e estava de pé no escritório, espreguiçando-se, bocejando e olhando para o vaqueiro, que lhe dizia algo.

– Vassíli Nikoláievitch! – disse Evguêni.

– Que o senhor ordena?

– Quero falar com o senhor.

– Mas o que o senhor ordena?

– Termine seu assunto primeiro.

– Será que você não consegue trazer? – disse Vassíli Nikoláievitch ao vaqueiro.

– É pesada, Vassíli Nikoláievitch.

– De que estão falando? – perguntou Evguêni.

– Uma vaca pariu no campo. Pode deixar, vou mandar atrelar um cavalo. Mandeí Nikolai Lyssukha atrelar na carroça mesmo.

O vaqueiro se foi.

– Sabe o que é... – começou Evguêni, sentindo que ruborizava. – Sabe, Vassíli Nikoláievitch, enquanto eu estava solteiro, cometi aqui meus pecados... Talvez o senhor tenha ouvido a esse respeito...

Vassíli Nikoláievitch, com olhos sorridentes e evidente pena do patrão, disse:

– Está falando da Stepachka[5]?

– É, estou. O que eu quero é o seguinte: por favor, por favor, não a mande para trabalhar na minha casa como diarista. O senhor compreende, é muito desagradável para mim...

– De certo foi o Vânia, nosso empregado, que organizou isso.

– Então, veja isso, por favor... Mas e então, vão aplicar o adubo no restante do terreno? – disse

Evguêni, para disfarçar seu constrangimento.

– Vou ver isso agora mesmo.

E assim terminou esse assunto. Evguêni tranquilizou-se, na esperança de que, como ele vivera um ano sem encontrá-la, dali para a frente não seria diferente. “Além disso, Vassíli dirá isso ao empregado Vânia, que falará para ela, e ela vai entender que não quero tal coisa” – dizia ele para si, feliz por ter decidido falar com Vassíli, por mais difícil que tenha sido. “Qualquer coisa é melhor do que essa dúvida, do que essa vergonha.” E sentiu um calafrio à simples recordação daquele crime que ele praticava em pensamento.

XII

O esforço moral que fizera para vencer a vergonha e falar com Vassíli Nikoláievitch deixou Evguêni tranquilo. Parecia-lhe que tudo havia terminado. Liza também notou que ele estava completamente calmo e até mais alegre do que o normal. “Provavelmente ele se aborreceu com o bate-boca das duas mães. É realmente difícil, principalmente para ele, tão nobre e sensível, ficar ouvindo essas indiretas maldosas e de mau gosto”, pensava Liza.

O dia seguinte era o da Santíssima Trindade. Fazia um tempo maravilhoso, e as camponesas caminhavam pelo bosque, como de hábito nesse dia, colhendo ramos para tecer grinaldas. Elas vieram para a frente da casa senhorial e ficaram ali cantando e dançando. Mária Pávlovna e Varvara Aleksêievna saíram da casa com roupas de festa e sombrinhas e se aproximaram da roda. Saiu também o tio que estava passando o verão com eles, um senhor obeso, beberrão e libertino, vestido com um casaco chinês.

Como sempre, no centro havia uma roda multicolor de jovens camponesas solteiras e casadas, com roupas de cores vivas, e ao redor, como planetas e satélites que tivessem se desprendido e girassem em torno delas, caminhava sem direção uma pequena multidão. Eram meninas de mãos dadas, que faziam farfalhar seus novos vestidos de chita, ou moleques que fungavam e corriam por todos os lados, em perseguição uns aos outros, ou rapazes de camisas vermelhas e casacos curtos franzidos na cintura, azuis ou pretos, com quepes da mesma cor, que sem parar cuspiam cascas de sementes de girassol, ou empregados da casa e até estranhos, que ficavam olhando de longe a dança de roda. As duas senhoras chegaram até a roda. Logo atrás delas vinha Liza, de vestido azul-claro e fitas da mesma cor nos cabelos, com mangas largas de onde se viam seus longos e alvos braços e seus cotovelos angulosos.

Evguêni não tinha vontade de sair, mas ficaria estranho se ele se escondesse. Então saiu e ficou na entrada da casa, fumando um cigarro e cumprimentando os camponeses jovens e adultos, e até entabulou uma conversa com um deles. Enquanto isso, as mulheres gritavam a plenos pulmões uma animada música de dançar, estalavam os dedos, batiam palmas e bailavam.

– A patroa está chamando – disse um criadinho, aproximando-se de Evguêni, que não ouvira o chamado da esposa. Liza queria que ele fosse assistir à dança, especialmente à de uma das mulheres, que lhe agradou mais do que as outras. Era Stepacha. Ela estava de vestido amarelo e colete de pelúcia, com um lenço de seda na cabeça, cheia de energia, ampla, corada e alegre. Certamente, dançava muito bem. Ele não ficou olhando.

– Já vi, já vi – disse, tirando e colocando o pincenê. – Já vi. “Pelo que estou vendo, é impossível livrar-me dela”, pensou.

Não a olhava porque temia a atração que ela exercia, e, precisamente por isso, o pouco que viu já lhe pareceu bastante atraente. Além disso, notou, por uma olhadela que ela lhe lançou, que ela o estava vendo e que percebia sua admiração. Evguêni ficou ali o tempo necessário para manter as aparências e, ao ver que Varvara Aleksêievna a chamava e lhe dizia alguma coisa, num tom descabido e falso,

chamando-a de queridinha, virou-se e regressou à casa. Ele se afastou para não vê-la, mas, chegando ao andar superior, sem saber como nem por que se aproximou da janela e, durante todo o tempo em que as mulheres permaneceram na frente da casa, ficou lá, olhando-a e regalando-se com sua visão.

Ele desceu correndo, antes que alguém pudesse vê-lo, e caminhou sem ruído até a sacada. Ali, fumou um cigarro e, como se estivesse dando um passeio, atravessou o jardim na direção que ele a vira tomar. Não tinha dado dois passos pela alameda quando por trás das árvores viu de relance o colete de pelúcia, o vestido amarelo[6] e o lenço vermelho. Ela caminhava ao lado de outra mulher. “Será que elas estão indo a algum lugar?”

De repente ele se sentiu arder com um desejo terrível e parecia que uma mão estava apertando seu coração. Como se obedecesse a um comando alheio, olhou ao redor e caminhou na direção dela.

– Evguêni Ivânytch, Evguêni Ivânytch! Eu estava indo pedir um favor ao senhor – disse atrás dele uma voz. Olhou e viu que era Samókhin, um velho que estava furando um poço para ele. Recobrando o domínio de si, virou-se bruscamente e foi ao encontro de Samókhin. Durante a conversa com o velho, ele se postou meio de lado e viu que as duas mulheres tinham descido a encosta, provavelmente para irem ao poço, ou usando isso como pretexto, e, depois de permanecerem um pouquinho ali, voltaram à roda da dança.

XIII

Terminada a conversa com Samókhin, Evguêni voltou para casa abatido, como se tivesse cometido um crime. Motivos não lhe faltavam. Em primeiro lugar, ela o estava entendendo muito bem e achava que ele queria vê-la, o que ela também queria. Em segundo lugar, a outra mulher, Anna Prókhorova, evidentemente sabia de tudo.

Mas o principal era que sentia que estava derrotado, que não estava no comando, que havia uma força impulsionando-o. Naquele dia, salvara-se por um feliz acaso, mas, mais dia, menos dia, estaria perdido.

“Sim, perdido”, era assim que ele se via. “Trair a própria esposa jovem e amorosa, na aldeia, com uma camponesa, à vista de todos, não será isso uma perdição, uma terrível perdição, após o que será impossível continuar vivendo? Preciso, necessito fazer alguma coisa.”

“Meu Deus, meu Deus! Mas o que posso fazer? Será que esse vai ser mesmo o meu fim?”, dizia para si mesmo. “Não há nada que se possa fazer? É necessário fazer alguma coisa. Não pense nela!”, ordenava a si mesmo. “Não pense!”, mas, na mesma hora, já estava novamente pensando nela e a vendo diante de si, à sombra dos bordos.

Ele se lembrou de que havia lido a respeito de um velho monge que, para evitar a tentação de uma mulher na qual deveria tocar com a mão para curá-la, havia colocado a outra mão num braseiro e deixado seus dedos queimarem. Evguêni lembrou-se disso. “É, prefiro queimar meus dedos a desgraçar-me.” Deu uma olhada para certificar-se de que estava só e acendeu um fósforo, colocando o dedo na chama. “E então? Pense nela agora”, disse ele com ironia. Ao sentir dor, retirou o dedo da chama, jogou fora o fósforo e ficou rindo de si mesmo. “Quanta bobagem! Não é isso que é preciso fazer. É preciso tomar alguma providência para não encontrá-la mais – ou ir-me embora daqui, ou conseguir que ela se vá. É isso, ela que se vá! Quem sabe oferecer dinheiro ao marido para que ele se mude para a cidade ou para outra aldeia. Se as pessoas ficarem sabendo, vão comentar. Que falem, qualquer coisa é melhor do que esse perigo constante. É isso que é preciso fazer”, dizia para si mesmo, sem tirar os olhos dela. “Para onde ela foi?”, indagou-se de repente. Teve a impressão de que ela o avistara na janela e depois, lançando-lhe uma olhadela, dera a mão a uma mulher e dirigira-se para o jardim balançando

animadamente o braço. Sem que ele mesmo soubesse a razão ou a finalidade, simplesmente movido por seus pensamentos, saiu para o escritório do administrador.

Vassíli Nikoláievitch estava de casaca de festa, com brilhantina no cabelo, e tomava chá com sua esposa e uma visitante com um lenço adamascado.

– Queria dar-lhe uma palavrinha, Vassíli Nikoláievitch.

– Claro! Por favor, sente-se. Nós já terminamos.

– Não, seria melhor o senhor vir comigo.

– Agora mesmo, deixe-me só pegar meu quepe. Tânia, coloque a tampa no samovar – disse Vassíli Nikoláievitch, saindo com ar alegre.

Evguêni teve a impressão de que ele estava meio alto, mas que fazer! Talvez fosse melhor assim, ele se colocaria mais facilmente no seu lugar.

– Eu vim, Vassíli Nikoláievitch, falar daquele mesmo assunto, daquela mulher – disse Evguêni.

– Não se preocupe, eu já dei ordem para não contratá-la mais.

– Não, não é isso. Eu estava pensando no caso e queria pedir sua opinião. Não seria possível fazer com que ela e toda a família fossem embora daqui?

– Mas mandá-los para onde? – disse Vassíli, num tom que pareceu a Evguêni aborrecido e irônico.

– Bem, eu havia pensado em dar dinheiro a eles, ou até mesmo um pedaço de terra em Koltóvski, para que ela se vá definitivamente daqui.

– Mas mandá-los embora como? Para onde eles iriam, longe de suas raízes? E para que o senhor precisa disso? No que ela o está incomodando?

– Ah, Vassíli Nikoláievitch, o senhor há de compreender que será horrível para minha esposa se ela souber disso.

– Mas quem iria contar isso a ela?

– Como posso viver com essa ameaça? E, de todo modo, essa situação é penosa.

– Para falar a verdade, não entendo por que preocupar-se tanto. Quem gosta de desenterrar o passado não merece consideração. E quem nunca pecou diante de Deus, quem não é culpado diante do tsar?

– Mas, de qualquer modo, é melhor afastá-la. O senhor não pode conversar com o marido?

– Mas nem sei o que dizer a ele! Ora, Evguêni Ivânytch, para que isso? Tudo já passou e ficou esquecido. Essas coisas acontecem. E quem há de falar mal do senhor? O senhor é uma pessoa importante.

– De qualquer modo, fale.

– Está bem. Vou falar.

Embora sabendo de antemão que nada se resolveria, aquela conversa tranquilizou um pouco Evguêni, principalmente porque ele sentiu que, devido ao seu estado de nervos, estava exagerando um pouco quanto ao perigo.

Será que ele estava procurando um encontro com ela? Não, impossível. Ele estava simplesmente passeando no jardim, e ela casualmente deu uma fugida até lá.

XIV

Naquele mesmo dia da Santíssima Trindade, depois do almoço, Liza foi dar uma volta pelo jardim e pelo campo, conduzida por seu marido, que queria mostrar-lhe a plantação de trevos[7]. Ao atravessar uma pequena vala, ela pisou em falso e caiu. Caiu suavemente, de lado, mas soltou um ai e no seu rosto o marido viu dor, além do susto. Quis erguê-la, mas ela afastou sua mão.

– Não, espere um pouco, Evguêni – disse ela, sorrindo debilmente e olhando-o de baixo para cima com uma expressão que lhe pareceu culpada. – Foi uma simples torcida no pé.

– Estão vendo o que eu sempre digo? – disse Varvara Aleksêievna. – Será possível isso? Ficar saltando valetas na sua condição?

– Ora, não é nada, mamãe. Já vou me levantar.

Tentou levantar-se com o auxílio do marido, mas no mesmo instante empalideceu e seu rosto tomou uma expressão de susto.

– Não estou me sentindo bem – e cochichou alguma coisa para a mãe.

– Ah, meu Deus, que foram fazer! Eu disse para não caminhar – gritava Varvara Aleksêievna. – Esperem, vou buscar ajuda. Ela não deve andar. É preciso carregá-la.

– Você não tem medo, Liza? Vou carregar você – disse Evguêni, enlaçando-a com o braço esquerdo. – Passe os braços ao redor do meu pescoço. Isso mesmo.

Abaixou-se, passou o braço direito por baixo das pernas dela e a ergueu. Depois disso, ele jamais esqueceria a expressão de sofrimento e felicidade estampada no rosto dela.

– É pesado para você, querido – dizia ela sorrindo. – Lá vai a mamãe correndo, chame-a.

Ela o abraçou e beijou. Era evidente que queria que a mãe o visse carregando-a.

Evguêni gritou para Varvara Aleksêievna que ela não precisava correr, porque ele levaria Liza no colo. A sogra parou e começou a gritar mais alto ainda.

– Você vai jogá-la no chão, vai deixá-la cair. Está querendo matar a menina. Você não tem consciência.

– Eu a estou carregando muito bem.

– Mas eu não quero, não posso ficar vendo você torturar assim a minha filha – e correu, sumindo numa curva da alameda.

– Não ligue, isso passa – disse Liza, sorrindo.

– Só desejo que não haja consequências, como da outra vez.

– Não é disso que estou falando, isso não é nada, estou falando da *maman*. Você está cansado, descanse um pouco.

Mas, embora estivesse pesada para ele, Evguêni levou sua carga com orgulhosa alegria até a casa e não a entregou para a arrumadeira e o cozinheiro, que Varvara Aleksêievna havia enviado ao encontro deles. Carregou-a até o quarto e colocou-a na cama.

– Agora você pode ir – disse ela, puxando a mão dele e a beijando. – Eu e Ánnuchka nos arranjamos.

Mária Pávlovna veio correndo de sua ala na casa. Trocaram a roupa de Liza e a colocaram na cama. Evguêni ficou esperando, sentado na sala de estar com um livro nas mãos. Varvara Aleksêievna passou por ele com uma cara tão sombria e cheia de acusações que ele ficou deveras assustado.

– E então, como ela está? – perguntou ele.

– Como? Precisa perguntar? Está do jeito que o senhor queria que ela ficasse, obrigando-a a saltar fossos.

– Varvara Aleksêievna! – exclamou ele –, isso é insuportável. Se a senhora deseja torturar as pessoas e envenenar a vida delas... – ele queria dizer: “então vá-se embora para algum lugar”, mas se conteve. – Como a senhora não percebe isso?

– Agora é tarde.

E se dirigiu para a porta, sacudindo a touca com ar triunfante.

A queda de fato tinha sido grave. Liza torcera o pé desajeitadamente e havia risco de abortar. Todos sabiam que não havia o que fazer, além de ela ficar de repouso tranquilamente, mas ainda assim

resolveram chamar um médico.

“Prezado Nikolai Semiônovitch”, escreveu Evguêni ao médico, “o senhor foi sempre tão bom para nós que, espero, não se recusará a vir examinar minha esposa. Ela está...” etc. Terminada a carta, ele foi à cocheira dar ordens para prepararem os cavalos e a carruagem. Seriam necessários alguns cavalos para trazer o doutor e outros para levá-lo de volta. Para uma propriedade de pequenas dimensões, isso era difícil de resolver assim, de uma hora para outra, e foi necessário pensar bem. Evguêni resolveu pessoalmente o problema, despachou o cocheiro e voltou para casa às dez da noite. Sua esposa continuava deitada, dizia que estava ótima e não sentia nenhuma dor, mas Varvara Aleksêievna estava lá, sentada atrás de um abajur, cujo reflexo era separado de Liza por partituras musicais, usadas como anteparo, e tricotava uma grande coberta vermelha; sua atitude dizia claramente que, após o que acontecera, não haveria mais possibilidade de paz. “Façam os outros o que fizerem, eu pelo menos cumpri com minha obrigação.”

Evguêni percebeu isso, mas, para fazer de conta que não estava notando, esforçou-se para aparentar alegria e despreocupação. Contou como ele havia reunido os cavalos e que a égua Kavuchka marchara muito bem no cambão esquerdo.

– Mas claro, esse é o melhor momento para adestrar cavalos, quando se precisa de ajuda. Provavelmente vão jogar o doutor na valeta também – disse Varvara Aleksêievna, olhando por baixo do pincenê para o tricô, que trouxera para bem perto da lâmpada.

– Mas era preciso mandar alguém. Eu fiz o melhor possível.

– É, eu me lembro muito bem de como seus cavalos dispararam comigo e por pouco não fomos parar debaixo do trem.

Aquilo era uma história antiquíssima, criada pela imaginação dela, e naquele instante Evguêni teve a imprudência de dizer que o fato não tinha se passado exatamente assim.

– Não é à toa que digo sempre, e disse muitas vezes ao *kniaz*^[8], meu marido, que o mais difícil de tudo é viver com pessoas insinceras, mentirosas; eu suporto tudo, menos isso.

– Mas, se alguém está sofrendo mais do que os outros, esse alguém evidentemente sou eu – disse Evguêni.

– Isso se vê.

– Que disse?

– Nada, estou contando os pontos.

Evguêni estava de pé junto à cama, e Liza olhava para ele; ergueu uma das mãos úmidas, que estavam caídas sobre o cobertor, pegou na mão dele e a apertou. “Agente por mim. Ela não pode impedir o nosso amor”, dizia seu olhar.

– Não vou dizer mais nada. É assim que vai ser – sussurrou ele, beijando sua mão comprida e úmida, depois os olhos meigos, que se fechavam quando ele os beijava. – Será que vai acontecer de novo? – disse ele. – Como está se sentindo?

– Tenho medo de dizer, para não me enganar, mas sinto que ele está vivo dentro de mim e que vai viver – disse ela, olhando para a barriga.

– Ah, dá medo só de pensar.

Apesar da insistência de Liza para que ele saísse, Evguêni passou a noite junto dela, dormindo com um olho só, pronto para acudi-la. Mas ela passou bem a noite e, se não tivessem chamado o médico, teria se levantado.

O médico chegou na hora do almoço e, como era de se esperar, disse que, embora uma segunda vez possa causar preocupações, estritamente falando não existiam sinais objetivos, mas, como tampouco havia sinais que indicassem o contrário, tanto se podia admitir uma hipótese como a outra. Por isso era

melhor continuar deitada e tomar o remédio que ele iria receitar, embora não gostasse de fazê-lo. Além disso, o doutor deu a Varvara Aleksêievna uma aula de anatomia feminina, durante a qual ela baixava significativamente a cabeça. Depois de receber seus honorários, colocados, como de hábito, na parte mais posterior da palma de sua mão, o doutor foi embora, e a paciente ficou deitada, com a instrução de repousar durante uma semana.

XV

Evguêni permanecia a maior parte do tempo junto ao leito da esposa, servindo-a, conversando com ela, lendo em voz alta e, o que era mais difícil, aguentando sem se queixar os ataques de Varvara Aleksêievna, conseguindo até mesmo fazer piadas a respeito deles.

Mas não podia ficar indefinidamente dentro de casa. Primeiro, porque a própria esposa mandava-o sair, dizendo que ele iria adoecer se ficasse o tempo todo ao lado da sua cama; segundo, porque os trabalhos na propriedade exigiam a toda hora sua presença. Ele não podia ficar em casa e passava o tempo no campo, no bosque, no jardim, no celeiro, e por toda parte a imagem viva de Stepanida o perseguia de tal maneira que ele raramente se esquecia dela. Mas isso ainda não era o pior. Ele talvez conseguisse superar aquele sentimento, o pior mesmo é que antes ele passava meses sem vê-la, e agora constantemente a encontrava. Era evidente que ela percebera seu desejo de reativar a antiga relação e fazia tudo para estar sempre no seu caminho. Nenhuma palavra fora dita nem por ele, nem por ela, por isso nenhum dos dois marcava abertamente um encontro, apenas procuravam a oportunidade de se encontrar.

Um lugar onde poderiam se encontrar era o bosque, aonde as mulheres iam com sacos em busca de ervas para as vacas. Evguêni sabia disso e por essa razão diariamente passava ao lado desse bosque. E diariamente ele dizia a si mesmo que não iria mais, mas acabava dirigindo-se para lá e, ao ouvir vozes, ficava escondido atrás de uma moita, espiando ansiosamente para ver se era ela.

Para que ele precisava saber se era ela? Não sabia responder. Se fosse ela e estivesse sozinha, não iria ao seu encontro, e sim fugiria – era o que ele pensava. Mas tinha necessidade de vê-la. Viu-a certa vez: no momento em que ele entrava no bosque, ela estava saindo com duas outras mulheres, com um pesado saco de ervas às costas. Um minuto antes, talvez os dois tivessem se esbarrado dentro do bosque. Agora ela não poderia, na frente das outras, voltar e encontrar-se com ele. Apesar de ter consciência disso, ele ficou muito tempo ali, atrás da moita de aveleiras, arriscando-se a atrair a atenção das outras mulheres. Evidentemente, ela não voltou, mas ele ficou lá muito tempo. Ah, santo Deus, com que encanto a sua imaginação a pintava! E isso não aconteceu uma vez só, e sim umas cinco ou seis vezes. E quanto mais o tempo passava, pior ficava. Ela nunca lhe havia parecido tão atraente. Mas não era apenas isso: ela nunca o havia dominado daquela maneira.

Evguêni sentia que estava perdendo o domínio de si e que estava ficando quase louco. Ele continuava tão severo consigo mesmo como antes, via toda a baixezinha dos seus desejos e até dos seus atos, pois as idas ao bosque, para ele, eram atos. Ele sabia que bastava topar com ela em algum lugar, chegar perto dela no escuro que, se houvesse possibilidade de tocá-la, sucumbiria aos próprios desejos. Estava ciente de que apenas a vergonha diante das pessoas, diante dela e de si mesmo, o fazia conter-se. E sabia que estava procurando as condições em que essa vergonha não fosse notada – a escuridão ou um contato físico em que a vergonha fosse abafada pela volúpia animal. Por tudo isso, sabia que era um criminoso abominável e se desprezava e se odiava com todas as forças de sua alma. Ele se odiava porque continuava a não se entregar. Todos os dias rezava e pedia a Deus que lhe desse forças e o salvasse da desgraça, todos os dias decidia que não daria mais nenhum passo, que não iria olhar para ela,

que a esqueceria. Todos os dias inventava meios de escapar daquela alucinação, e punha em prática esses meios. Mas era tudo em vão.

Um dos meios era manter-se constantemente ocupado; outro, aumentar a carga de trabalhos físicos e fazer jejum; o terceiro, imaginar claramente a vergonha que desabaria sobre sua cabeça se todos soubessem daquilo – a esposa, a sogra e as demais pessoas. Tudo isso ele fazia e lhe parecia que estava vencendo, mas chegava a hora, meio-dia, hora dos primeiros encontros, e, depois, hora em que ele a encontrara colhendo ervas, e ele se encaminhava para o bosque.

Assim se passaram cinco dias de martírio. Ele a via apenas de longe e nunca chegou perto dela.

XVI

Liza pouco a pouco ia melhorando, levantava-se da cama e se preocupava com a mudança que se passara com seu marido, que ela não entendia.

Varvara Aleksêievna se fora temporariamente, e dos hóspedes restava apenas o tio. Mária Pávlovna, como sempre, ficava em casa.

Evguêni estava naquele estado semidemente quando, como acontece com frequência após as tempestades de junho, choveu torrencialmente durante dois dias. A chuva interrompeu o trabalho de todos. Tiveram de suspender até o transporte de estrume, devido à água e à lama. Todos tiveram de ficar trancados em casa. Os pastores passaram o maior trabalho com o gado e finalmente conduziram-no para as casas. Vacas e ovelhas andavam pelo pasto e se espalharam pelos quintais. Mulheres cobertas com xales e descalças, chapinhando na lama, corriam atrás das vacas que se dispersavam. Nas estradas, por toda parte a água corria como riachos; as folhagens e a relva estavam encharcadas, das calhas desciam sem parar jorros de água, que caíam nas poças borbulhantes. Evguêni ficou em casa com a esposa, que tinha se tornado bastante aborrecida e lhe perguntava a toda hora qual era o motivo de sua insatisfação. Ele respondia, contrariado, que não havia nada. Ela então parou de perguntar, mas ficou magoada.

Estavam todos sentados na sala de estar após o café da manhã. O tio contava pela centésima vez histórias imaginárias de seus conhecidos da alta sociedade. Liza tricotava um casaquinho e suspirava, queixando-se do tempo e de dor nos quadris. O tio aconselhou-a a se deitar e pediu vinho. Evguêni estava achando tudo muito tedioso, devagar e enfadonho dentro de casa. Lia um livro e fumava, mas não entendia nada do que lia.

– Preciso ir ver os novos trituradores que chegaram ontem – disse ele. Levantou-se e saiu.

– Leve um guarda-chuva.

– Não, eu tenho o casaco de couro. E vou só até a usina.

Colocou as botas e o casaco e foi para a usina. Mas não tinha dado vinte passos e à sua frente surgiu ela, com a saia arregaçada acima das panturrilhas. Caminhava segurando o xale, que lhe cobria a cabeça e os ombros.

– Que faz aqui? – perguntou ele, não a reconhecendo imediatamente. Mas, quando reconheceu, já era tarde. Ela parou e ficou muito tempo olhando para ele e sorrindo.

– Estou procurando um novilho. Aonde o senhor está indo neste temporal? – perguntou ela, como se o visse todos os dias.

– Vá até a cabana – disse ele de repente, sem mesmo saber como. Era como se outra pessoa dentro dele tivesse falado aquilo.

Ela mordeu a ponta do xale, baixou os olhos concordando e correu para onde estava indo, para o jardim, e de lá para a cabana. Ele continuou seu caminho, com a intenção de contornar a moita de lilases e ir para lá também.

– Senhor – ouviu uma voz atrás de si. – A senhora está chamando, pede que o senhor entre um minutinho.

Era Micha, o criado.

“Meu Deus! É a segunda vez que você me salva”, pensou Evguêni. E voltou imediatamente. A esposa lembrou-lhe que ele havia prometido levar, na hora do almoço, um remédio para uma mulher que estava doente, e pediu-lhe que o pegasse de uma vez. Na busca do remédio, passaram-se cinco minutos. Depois, ao sair, ele decidiu não ir para a cabana, temendo que o vissem da casa. Mas, tão logo se viu fora do alcance da visão deles, dirigiu-se imediatamente para lá. Na sua imaginação, ele já a via dentro da cabana, sorrindo para ele alegremente. Mas ela não estava na cabana, e não havia nada que demonstrasse que estivera ali. Pensou, então, que ela não viera, que não ouvira ou não entendera suas palavras, pois ele havia apenas murmurado, como se no fundo temesse que ela as ouvisse. “Ou quem sabe não quis vir? E de onde saiu essa ideia de que ela iria se jogar nos meus braços? Tem marido; o único canalha sou eu, que tenho esposa, e uma boa esposa, e fico correndo atrás da mulher de outro.” Ele pensava isso, sentado dentro da cabana, onde uma goteira pingava através da palha. “Mas que felicidade se ela tivesse vindo! Nós dois sozinhos aqui na chuva. Se pudesse abraçá-la pelo menos mais uma vez... e, depois, que acontecesse o que tivesse de acontecer. Ah, é mesmo!”, lembrou-se. “Se ela esteve aqui, é possível que haja rastros.” Foi examinar a terra batida perto da cabana e a trilha limpa de relva, e encontrou uma marca recente de um pé descalço. “É, ela esteve aqui. Mas agora terminou a brincadeira. Está decidido, irei atrás dela onde quer que a encontre. Irei procurá-la à noite.” Ele ficou ainda muito tempo na cabana e saiu de lá exausto e abatido. Entregou o remédio e voltou para casa, indo em seguida deitar-se, enquanto esperava o almoço.

XVII

Antes do almoço, Liza foi procurá-lo e, ainda imaginando o que poderia ser a causa de sua insatisfação, disse-lhe que receava que ele estivesse aborrecido porque estavam querendo levá-la para Moscou, para dar à luz, e que ela então decidira permanecer ali. Não iria para Moscou por nada neste mundo. Ele sabia como ela receava o parto e que a criança pudesse nascer com problemas, por isso ficou muito comovido ao ver que ela prontamente decidira fazer um sacrifício por amor a ele.

Tudo era tão bom, alegre e limpo dentro de casa, mas dentro dele havia sujeira, infâmia, horror. Evguêni passou toda a tarde sofrendo, porque sabia que, apesar da sincera aversão que tinha pela própria fraqueza, apesar da firme intenção de pôr um fim naquilo, na manhã seguinte começaria tudo de novo.

– Não, isso não pode continuar – dizia para si mesmo, andando de um lado para o outro no seu quarto. – Deve haver alguma saída. Meu Deus! Que vou fazer?

Alguém bateu à porta à maneira estrangeira. Ele adivinhou que era o tio.

– Entre – disse ele.

O tio se autoproclamara embaixador de Liza.

– Se quer saber, também estou notando que você está diferente – disse o tio –, e compreendo como isso está fazendo Liza sofrer. Entendo como é difícil para você abandonar os trabalhos que começou, trabalhos magníficos, por sinal, mas o que você quer, *que veux tu?* Eu o aconselharia a viajar. Vai ser mais tranquilo para você e para ela. E o meu conselho é que vão para a Crimeia. O clima de lá é um parteiro maravilhoso. E vão chegar exatamente na época das uvas.

– Titio – disse de repente Evguêni –, o senhor pode guardar um segredo meu, um segredo terrível, vergonhoso?

– Desculpe-me, mas será possível que não confie em mim?

– Titio, o senhor pode me ajudar! Ajudar, não, o senhor pode me salvar.

A ideia de que confiaria seu segredo a um tio que não respeitava, de que iria se mostrar para ele da forma mais desfavorável, que iria se rebaixar diante dele, dava-lhe prazer. Sentia-se execrável, cheio de culpa, e queria se castigar.

– Fale, meu amigo, você sabe que me afeiçoei a você – disse o tio, pelo visto muito contente por existir um segredo, e vergonhoso ainda por cima, que lhe seria confiado, e porque ele poderia ser útil.

– Antes de mais nada, devo lhe dizer que sou um patife, um miserável, um canalha. Isso mesmo, um canalha.

– Ora, o que está dizendo – começou o tio, estufando o pescoço.

– Mas sou. Como não seria um canalha, se eu, marido de Liza (veja bem, de Liza!, o senhor conhece sua pureza e sabe como ela me ama), se eu, seu marido, quero traí-la com uma camponesa.

– Mas como é isso, como você *quer*? Você ainda não a traiu?

– Sim, ou melhor, é o mesmo que ter traído, porque não dependeu de mim. Eu estava decidido a trair. Fui impedido, senão eu estaria agora... eu estaria agora... Não sei o que teria feito.

– Mas, desculpe, explique-me...

– Bem, foi assim. Quando era solteiro, fiz a besteira de ter um caso com uma mulher aqui da aldeia. Ou melhor, eu me encontrava com ela no bosque, no campo...

– Era bonitinha? – perguntou o tio.

Evguêni fez uma careta ao ouvir essa pergunta, mas estava necessitando tanto da ajuda de outra pessoa que fez de conta que não ouviu.

– Mas então eu achava que bastava pôr um ponto final e tudo estaria terminado. Rompi com ela ainda antes de me casar e passei quase um ano sem vê-la e sem pensar nela (Evguêni estava achando estranho ouvir a si mesmo, ouvir-se descrevendo sua situação), depois, de repente, não sei por que (é verdade que às vezes a gente começa a acreditar em feitiço), eu a vi, e um verme penetrou no meu coração e está me corroendo. Eu me censuro, consciente de todo o horror do meu comportamento, daquilo que a qualquer momento posso fazer, mas mesmo assim eu vou atrás dela, e, se ainda não cometi o erro, foi porque Deus me salvou. Eu estava indo me encontrar com ela, quando Liza me chamou.

– Mas como? Naquela chuvarada?

– Foi. Estou esgotado, tio, por isso resolvi me abrir com o senhor e pedir sua ajuda.

– É evidente que aqui, na sua propriedade, isso não é bom. Vão ficar sabendo. Compreendo que Liza é frágil, é preciso poupá-la. Mas por que tem de ser na sua propriedade?

Novamente Evguêni procurou não ouvir o que o tio dizia e passou logo ao que interessava.

– Quero que o senhor me salve de mim mesmo. É isso que lhe peço. Hoje eu fui impedido por acaso, mas, amanhã, pode ser que nada me impeça. E ela agora está sabendo. Quero que o senhor nunca me deixe só.

– Admitamos que sim – disse o tio. – Mas será possível que esteja assim tão apaixonado?

– Ora, é completamente diferente. Não é paixão, é uma força que tomou conta de mim e me domina. Não sei o que fazer. Talvez eu fique mais forte quando...

– Está vendo!?! Está tudo dando certo, como eu queria! – disse o tio. – Vamos para a Crimeia!

– Então vamos, vamos, sim; mas por enquanto vou ficar perto do senhor e vou lhe contando tudo.

XVIII

Ter confiado ao tio seu segredo e, principalmente, aquele drama de consciência e o sentimento de vergonha, que atormentavam depois daquele dia chuvoso, fez com que Evguêni ficasse novamente

lúcido. A ida para Ialta foi decidida para dali a uma semana. Naquele meio-tempo, ele foi à cidade conseguir dinheiro para a viagem, passou instruções aos empregados na sua casa e no escritório, readquiriu sua alegria, ficou mais próximo da esposa e renasceu moralmente.

E assim, sem encontrar nem uma vez Stepanida depois da chuva, ele partiu com a esposa para a Crimeia. Lá eles passaram dois meses maravilhosos. Foram tantas as impressões novas que o passado parecia estar completamente apagado da sua memória. Encontraram antigos conhecidos, de quem ficaram muito amigos; além disso, fizeram novas amizades. A vida na Crimeia era uma festa permanente para Evguêni e, ademais, fora-lhe instrutiva e útil. Fez amizade com um antigo alto funcionário do governo de sua província, um homem inteligente, liberal, que gostou dele e lhe ensinou muita coisa, atraindo-o para o seu lado. No final de agosto, Liza deu à luz uma bela menina, e seu parto foi surpreendentemente fácil. Em setembro, voltaram para casa quatro pessoas, pois trouxeram com eles uma ama de leite, uma vez que Liza não podia amamentar. Completamente livre dos antigos terrores, ele regressou à casa feliz e sentindo-se um novo homem. Depois de passar por tudo o que os maridos passam durante o parto de suas esposas, ele começou a amar a sua ainda mais. O sentimento em relação à criança, quando ele a segurava nos braços, era novo, engraçado e muito agradável, como se alguém lhe fizesse cócegas. Outra novidade na sua vida era que, agora, além do trabalho, graças à aproximação com Dúmtchin (o antigo alto funcionário), surgiu nele o interesse pelo zemstvo[9], em parte por ambição, em parte por consciência do dever. Em outubro haveria uma assembleia extraordinária na qual ele deveria ser eleito. De volta à casa, ele saiu uma vez para ir à cidade e outra para visitar Dúmtchin.

O sofrimento da tentação e a luta que travara estavam esquecidos. Já não pensava nisso e tinha até dificuldade de reconstituí-los na memória. Tudo agora lhe parecia um acesso de loucura de que fora acometido.

Sentia-se a tal ponto livre daquilo que não teve medo nem mesmo de interrogar o administrador, na primeira oportunidade em que ficaram a sós. Uma vez que já havia falado naquele assunto com ele, não teve vergonha de perguntar.

– E então, o Sídor Ptchélnikov continua vivendo fora de casa? – perguntou Evguêni.

– Continua. Passa o tempo todo na cidade.

– E a mulher dele?

– Ah, que mulherzinha fútil! Está de caso com Zinóvi. Agora anda de mão em mão.

“Ótimo”, pensou Evguêni. “É surpreendente como não estou nem me importando e como estou mudado.”

XIX

Tudo o que Evguêni desejava se realizou. Manteve a posse da propriedade, a usina estava funcionando bem, a produção de beterraba açucareira foi excelente, o lucro esperado era grande; a esposa teve um parto feliz, a sogra foi-se embora e ele foi eleito por unanimidade.

Depois da eleição, ele deixou a cidade e estava voltando para casa. Recebia cumprimentos e precisava agradecê-los. Almoçou e bebeu umas cinco taças de champanhe. Agora começavam a surgir na sua mente planos de vida inteiramente novos. No caminho de casa, ele pensava sobre isso. Era época do veranico. A estrada estava excelente, o sol brilhava. Já quase chegando em casa, pensava que, em consequência de sua eleição, iria ocupar na população o lugar com que sempre sonhara, ou seja, uma posição em que poderia servir ao povo não apenas com a produção, que criava empregos, mas podendo influir mais diretamente na vida deles. Atravessando a aldeia, ele imaginava como, dali a três anos, os camponeses, empregados seus ou não, iriam julgá-lo. “Esse aí, por exemplo”, pensava, vendo um

camponês e uma camponesa que caminhavam carregando uma tina pesada e quase cruzaram a estrada na sua frente. Eles pararam para lhe dar passagem. O homem era o velho Ptchélnikov e a mulher, Stepanida. Evguêni reconheceu-a e notou com alegria que ficara completamente calmo. Ela continuava bonita, mas isso não o afetou absolutamente.

Quando chegou em casa, sua mulher veio encontrá-lo na entrada. A tarde estava maravilhosa.

– E então, podemos felicitá-lo? – perguntou o tio.

– Podem, fui eleito.

– Mas é maravilhoso! Precisamos beber a isso!

Na manhã seguinte, Evguêni foi dar um giro para ver como iam os trabalhos, que ele havia deixado um pouco de lado. Uma debulhadora nova estava em funcionamento na eira coberta. Examinando seu trabalho, ele caminhava entre as camponesas e tentava não notá-las, mas, apesar de seus esforços, por duas vezes não lhe escaparam os olhos negros e o lenço vermelho de Stepanida, que carregava palha. Roçou nela umas duas vezes e sentiu alguma coisa novamente, mas não pôde avaliar na hora o que era. Só no dia seguinte, quando voltou à eira e lá ficou duas horas, absolutamente sem necessidade, acariciando incessantemente com os olhos a figura graciosa da jovem, foi que ele teve consciência de que estava completa e irremediavelmente perdido. Novamente aquele martírio e todo aquele medo e horror. Não haveria salvação.

E o que esperava aconteceu. No dia seguinte, à tarde, sem saber como, foi parar atrás do quintal dela, diante do galpão de feno, onde uma vez no outono eles tiveram um encontro. Fazendo de conta que estava passeando, parou ali e pôs-se a fumar um cigarro. Quando já estava voltando, uma vizinha avistou-o e ele a ouviu dizer para alguém:

– Vai lá, ele está esperando. Está quase morrendo. Está lá parado. Vai, sua boba!

Ele viu uma mulher correndo para o galpão – era ela –, mas não pôde dar meia-volta porque avistou um camponês vindo na sua direção, e foi para casa.

XX

Quando entrou na sua sala de estar, tudo lhe pareceu absurdo e artificial. Levantara de manhã bem-disposto, decidido a largar aquilo e esquecer, a não se permitir aqueles pensamentos. Mas, sem mesmo saber por que, passou a manhã sem conseguir interessar-se pelo trabalho e ansioso para ficar livre dele. Não estava dando importância nem àquelas coisas que antes o empolgavam. Fazia de tudo, inconscientemente, para se livrar dos afazeres. Achava que precisava livrar-se deles para poder refletir. Livrou-se e ficou sozinho. E, assim que ficou sozinho, saiu a vagar pelo jardim e pelo bosque. Mas esses lugares estavam todos contaminados pelas lembranças, lembranças que se apossavam dele. Percebeu que estava andando pelo jardim, dizendo a si mesmo que pensaria numa solução, mas não estava pensando em nada, e sim, como um louco, sem nenhuma razão, estava esperando que ela por um milagre entendesse que a desejava e por conta própria decidisse vir até ele, ou a qualquer outro lugar em que ninguém pudesse vê-los, ou então que à noite, sem lua, quando ninguém, nem ela mesma, pudesse ver, que numa noite assim ela viesse e então ele tocaria o seu corpo...

“É, você realmente rompeu quando quis”, dizia para si mesmo. “Foi nisso que deu ter um caso com uma mulher limpa e saudável para manter sua saúde! Mas, pelo visto, com ela não se pode brincar assim. Pensei que a havia conquistado, mas foi ela que me conquistou e não quer me largar. Pensei que estava livre, mas não estava. Enganei a mim mesmo quando me casei. Foi tudo um absurdo, um erro. Desde que a conheci, senti algo novo, o que um marido realmente deve sentir pela esposa. É, eu deveria ter ido viver com ela.”

“Duas vidas são possíveis para mim; uma, a que comecei com Liza: trabalho, fazenda, criança, respeito das pessoas. Se for essa a minha vida, então é preciso que Stepanida não fique aqui. É preciso mandá-la embora daqui, como eu havia dito, ou eliminá-la, para livrar-me dela. A outra vida – seria aqui mesmo. Tomá-la do seu marido, dar a ele dinheiro, esquecer a vergonha e a desonra e viver com ela. Mas, nesse caso, é preciso que Liza não esteja aqui nem Mimi. Não, a criança não atrapalha, mas Liza não poderia ficar, ela teria de ir embora. Teria de saber de tudo, amaldiçoar-me e ir embora. Saber que eu a troquei por uma camponesa, que sou traidor e canalha. Não, isso é terrível demais! Não posso fazer isso. Sim, mas pode acontecer de outro jeito – continuou a pensar –, pode ser assim: Liza adoece e morre. Ela morre e tudo fica maravilhoso.”

“Maravilhoso! Ah, como você é infame! Não, se alguém tem de morrer, então que seja ela. Se ela morresse, seria tão bom! É assim que esposas ou amantes são envenenadas ou assassinadas. Basta pegar um revólver e ir chamá-la, e, em vez de um abraço, um tiro no peito. E está tudo acabado.”

“Ela é o diabo. É o próprio diabo. Pois ela se apossou de mim contra a minha vontade. Matá-la? Sim. Só há duas saídas: ou matar minha esposa, ou matá-la. Porque é impossível viver dessa maneira[10]. É impossível. É preciso pensar bem e prever: se permaneço assim, como estou agora, o que pode acontecer?”

“O que vai acontecer é que direi novamente que não quero, que a largarei de vez, mas serão apenas palavras, pois à noite estarei rondando o fundo do seu quintal e ela vai saber e virá. Então ou as pessoas saberão e contarão à minha mulher, ou eu mesmo farei isso, porque não posso mentir, não posso viver assim. Não posso. Isso se espalha. Todos saberão, a Parácia, e o ferreiro também. Pois bem, é possível viver assim?”

“Não, não é possível. Só há duas saídas: matar minha mulher ou matá-la. Ou ainda... Ah, é verdade, existe uma terceira alternativa: matar-me” – disse ele baixinho, e sentiu um frio percorrer sua pele. “É isso mesmo, matar-me, assim não preciso matá-las.” Ficou apavorado, porque sentiu que essa era a única saída possível. “O revólver eu tenho. Mas será possível que vou me matar? Eis uma coisa em que eu nunca havia pensado. Como isso vai ser estranho!”

Voltou para o seu quarto e abriu o armário onde estava o revólver. Mas nesse instante sua esposa entrou.

XXI

Jogou um jornal sobre o revólver.

– Novamente aquilo – disse ela assustada, olhando para ele.

– Aquilo o quê?

– A mesma expressão horrível de antes, quando você não quis me contar. Guênia, querido, conte para mim. Vejo que você está sofrendo. Conte para mim, você vai se sentir melhor. Qualquer que seja o motivo, é melhor do que esse seu sofrimento. Eu sei que não pode ser nada de mau.

– Sabe mesmo? Por enquanto.

– Diga, diga, diga. Não o largo se não disser.

Ele deu um sorriso triste.

“Dizer? Não, isso é impossível. E não há nada a dizer.”

Talvez ele tivesse contado, mas nesse momento entrou a ama perguntando se poderia dar um passeio. Liza saiu para vestir a criança.

– Você vai me contar. Eu já volto.

– É, pode ser...

Liza nunca pôde esquecer o sorriso de sofrimento com que ele disse isso. Ela saiu.

Sorratamente, como um assaltante, ele apanhou às pressas o revólver e o tirou do coldre. “Está carregado, mas faz muito tempo. E falta uma bala. Seja o que Deus quiser.”

Encostou o cano na têmpora, teve um início de hesitação, mas bastou lembrar-se de Stepanida, da sua decisão de não voltar a vê-la, da sua luta interior, das tentações, da sua queda, e novamente da luta, e estremeceu de horror. “Não, prefiro isto.” E apertou o gatilho.

Quando Liza entrou no quarto (ela acabara de descer da sacada), encontrou-o caído de bruços no chão. Da ferida corria um sangue escuro e quente, e o corpo ainda estremeceu.

Abriram inquérito. Ninguém pôde entender e explicar o motivo do suicídio. Nem mesmo passou pela cabeça do tio que a causa tinha alguma relação com a confissão que Evguêni lhe fizera dois meses antes.

Varvara Aleksêievna repetia que ela sempre previra aquilo, que era possível perceber no modo como ele discutia. Liza e Mária Pávlovna não podiam de modo algum compreender por que aquilo acontecera, mas tampouco acreditaram nos médicos, que disseram que ele sofria das faculdades mentais. Com isso elas não podiam concordar, porque sabiam que ele tinha muito mais bom-senso do que centenas de pessoas que elas conheciam.

E, de fato, se Evguêni Irtênev era doente mental, então todas as pessoas são também doentes mentais; porém, mais doentes ainda são, sem dúvida, aqueles que veem nos outros sinais de loucura que não veem em si mesmos.

De 10 a 19 de novembro de 1889, Iásnaia Poliana

VARIANTE DO FINAL DA NOVELA O DIABO

“Pois ela é o diabo. Sem dúvida é o diabo. Pois ela se apossou de mim contra a minha vontade. Matá-la? Sim. Só há duas saídas: ou matar minha esposa, ou matá-la. Porque é impossível viver dessa maneira”, disse ele a si mesmo. Aproximando-se da mesa, tirou da gaveta um revólver, examinou-o – faltava uma bala – e o colocou no bolso da calça.

– Meu Deus! Que estou fazendo? – exclamou de repente e, juntando as mãos, começou a rezar. – Senhor, ajude-me, salve-me. Você sabe que não quero o mal, mas sozinho não consigo. Ajude-me – dizia, fazendo o sinal da cruz diante da imagem.

“Mas eu posso me controlar. Vou dar uma volta para pensar.”

Foi para o vestibulo, colocou o casaco, as galochas e saiu. Sem que se desse conta, seus passos o conduziram por fora do jardim, pela estrada que passava pelo campo e dava na fazenda. A debulhadora continuava a trabalhar, emitindo um ruído agudo, e se ouviam os gritos dos meninos que tocavam os animais. Evguêni entrou na eira. Ela estava lá. Ele logo a viu. Ela estava amontoando espigas e, ao vê-lo, ágil, alegre, com os olhos sorridentes, correu pelas espigas espalhadas no chão, juntando-as com rapidez. Embora não quisesse, Evguêni não pôde deixar de olhar para ela, mas só se deu conta disso quando ela sumiu da sua vista. O administrador veio informar que eles estavam terminando de debulhar as espigas que se haviam amassado e que por isso era mais demorado e a produção era menor. Evguêni aproximou-se do tambor, que de tempos em tempos estalava, quando passavam por ele feixes mal-esticados, e perguntou ao administrador se havia muitos feixes amassados.

– Devem ser uns cinco carroções.

– Então vamos fazer o seguinte... – começou Evguêni, mas não terminou. Ela se aproximou do tambor e pôs-se a puxar e amontoar as espigas que estavam debaixo dele, e incendiou-o com seu olhar sorridente.

Aquele olhar falava do amor alegre, despreocupado, que eles tiveram, afirmava que ela sabia que ele estivera perto do seu galpão e a desejava e que ela, como sempre, estava disposta a viver e divertir-

se, sem pensar em condições ou consequências. Evguêni sentiu que ela o estava dominando, mas não queria se entregar. Lembrou-se da oração que fizera e tentou repeti-la. Ficou rezando silenciosamente, mas logo percebeu que isso era inútil.

Um único pensamento agora o absorvia: como marcar um encontro com ela sem que ninguém notasse?

– Se terminarmos agora, o senhor dá ordem para começar uma nova meda, ou deixamos para amanhã?

– Sim, sim – respondeu Evguêni, dirigindo-se sem vontade própria para o monte de espigas que ela e outra mulher estavam fazendo.

“Será possível que não consigo me dominar?”, dizia para si mesmo. “Será que estou acabado? Meu Deus! Ora, não existe nenhum Deus, existe é o diabo. E é ela. O diabo se apossou de mim. Mas eu não quero, não quero. É o diabo, sim, o diabo.”

Ele chegou bem perto dela, tirou o revólver do bolso e deu um, dois, três tiros no meio das suas costas. Ela correu e caiu sobre um monte de palha.

– Meu Deus! Ô gente, o que aconteceu? – gritavam as mulheres.

– Não, não foi acidente. Eu a matei de propósito – gritava Evguêni. – Mandem chamar o chefe de polícia.

Ele foi para casa e, sem dizer nada à esposa, trancou-se no seu escritório.

– Não entre aqui – gritou para a mulher por trás da porta –, você vai saber de tudo.

Uma hora depois, tocou a campainha e disse ao criado que o atendeu:

– Vá perguntar se Stepanida está viva.

O criado já estava ciente de tudo e informou que ela morrera uma hora atrás.

– Melhor assim. Agora deixe-me. Quando o chefe de polícia ou o juiz chegarem, avise.

O chefe de polícia e o juiz de instrução vieram na manhã seguinte. Evguêni despediu-se da mulher e da criança e foi levado para a prisão.

Foi julgado. Isso foi nos primeiros tempos de funcionamento do tribunal do júri. Consideraram que ele estivera temporariamente privado das faculdades mentais e o condenaram apenas à penitência religiosa.

Evguêni ficou nove meses na prisão e um mês num mosteiro.

Começou a beber ainda na prisão e continuou no mosteiro. Voltou para casa debilitado e transformado num alcoólatra irresponsável.

Varvara Aleksêievna afirmava todo o tempo que ela sempre previra aquilo. Via-se na maneira como ele discutia. Liza e Mária Pávlovna nunca entenderam por que a tragédia havia acontecido. Contudo, não podiam crer nos médicos, que diziam que Evguêni sofria das faculdades mentais, que era um psicopata. Com isso elas não podiam concordar, porque sabiam que ele tinha muito mais bom-senso do que centenas de pessoas que elas conheciam.

E, de fato, se Evguêni Irtênev estava mentalmente enfermo quando cometeu seu crime, então todas as pessoas são também doentes mentais; porém, mais doentes ainda são, sem dúvida, aqueles que veem nos outros sinais de loucura que não veem em si mesmos.

- [1] Na Rússia tsarista, o serviço militar durava 25 anos e as esposas de soldados ficavam em casa praticamente como viúvas de maridos vivos. (N.T.)
- [2] No restante da novela, em vez de Pétchnikov (de petch, “forno”), Tolstói escreveu Ptchélnikov, (de ptchelá, “abelha”), provavelmente por engano. (N.T.)
- [3] Gênia, Guênia e Guena são apelidos de Evguêni (Eugênio). (N.T.)
- [4] Carroça com bancos transversais para o transporte de pessoas (N.T.)
- [5] Stepachka é uma forma pejorativa de Stepacha, apelido de Stepanida. (N.T.)
- [6] No original está “vestido cor-de-rosa”. (N.T.)
- [7] Trata-se de uma espécie usada como planta forrageira. (N.T.)
- [8] Título mais alto da nobreza russa, equivalente ao de duque. Tradicionalmente se traduz por príncipe, embora não tenha relação com a casa real (o filho do tsar não é chamado de príncipe, e sim de tsarévitch). (N.T.)
- [9] Conselho de administração local, que vigorou na Rússia de 1864 a 1918, eleito pelas classes proprietárias de terra. (N.T.)
- [10] Ver a variante do final da novela na p.59. (N.E.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Dyavol*

Este conto foi publicado na Coleção L&PM Pocket no livro *A felicidade conjugal* seguido de *O diabo* (v. 692).

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Ilustração: Dulle Griet (cerca de 1562), Pieter Bruegel (cerca de 1525-1569). Museu Mayer van den Bergh, Antuérpia.

Tradução do russo: Maria Aparecida Botelho Pereira Soares

Revisão: André Godoy e Patrícia Rocha

Cip-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T598d

Tolstói, Leão, graf, 1828-1910

O diabo / Leon Tolstói; traduzido do russo por Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

(Coleção L&PM POCKET, v. 1017)

Tradução do original em russo: *Dyavol*

ISBN 978.85.254.2611-6

1. Conto russo. I. Soares, Maria Aparecida Botelho Pereira. II. Título. III. Série.

12-0148. CDD: 891.73

CDU: 821.161.1-3

© da tradução, L&PM Editores, 2008, 2012

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[I](#)
[II](#)
[III](#)
[IV](#)
[V](#)
[VI](#)
[VII](#)
[VIII](#)
[IX](#)
[X](#)
[XI](#)
[XII](#)
[XIII](#)
[XIV](#)
[XV](#)
[XVI](#)
[XVII](#)
[XVIII](#)
[XIX](#)
[XX](#)
[XXI](#)